

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM PSICOLOGIA

**Representações Sociais da Violência e as  
Incivilidades no Contexto da Violência no Município  
e Escolas de Goiânia**

**Ronaldo Gomes Souza**

Pedro Humberto Faria Campos

Goiânia, 2010.

# **Representações Sociais da Violência e as Incivildades no Contexto da Violência no Município e Escolas de Goiânia**

**Ronaldo Gomes Souza**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social do Trabalho e das Organizações.

Orientador: Prof.º Dr.º Pedro Humberto Faria Campos.

Banca Examinadora:

---

Prof.º Dr.º Pedro Humberto Faria Campos.  
Presidente da Banca: Professor-Supervisor Orientador

---

Prof.ª Dr.ª Dalva Maria Borges de Lima Dias de Souza – Membro (UFG)

---

Prof.º Dr.º [Sebastião Benício da Costa Neto](#) – Membro (PUC/GO)

---

Prof.º Dr.º [Fabio Jesus Miranda – Suplente \(PUC/GO\)](#)

Data da Avaliação: \_\_\_\_\_

Nota final: \_\_\_\_\_

## Resumo

Um dos fatores psicossociais determinantes do sentimento de insegurança são as chamadas incivildades que é um tema central na compreensão do fenômeno da violência urbana, uma vez que se dá por quebras de convívio em harmonia que sinalizam uma ruptura com as normas e valores sociais. Constituída como a “inimiga” da cidadania, especialmente no tocante aos vínculos comunitários de moradia, as incivildades atingem, também, as expectativas em relação à convivência e os pactos sociais que perpassam as relações humanas. O fenômeno da violência urbana foi baseado na teoria das Representações Sociais, consideradas enquanto uma visão funcional do mundo, permitindo ao indivíduo e ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade por meio de seu próprio sistema de referências, bem como adaptar e encontrar um lugar nessa realidade. A presente dissertação dá continuidade ao projeto anterior financiado pelo convênio CAPES/Cofecub, “Sistemas de Mediação Simbólica da Violência na Escola”, cujo objetivo foi compreender como se dá o fenômeno da incivildade e verificar a relação entre incivildades e sentimento de insegurança no contexto da representação social da violência de moradores do município de Goiânia, bem como professores e estudantes de escolas em Goiânia. E, para tal, foram utilizados dados de três estudos, financiados pelo CNPq e FINEP, em contextos históricos e metodológicos diferentes a partir da aplicação de questionários nos moradores do município de Goiânia, professores e estudantes adolescentes de escolas públicas, também do município de Goiânia. Os resultados apontam que o tema das incivildades percebidas pelos moradores estão associado à desorganização dos espaços urbanos, indicando, dessa forma, a dificuldade tanto das instituições informais, como a família, como as formais de lidarem com tal fenômeno e, no caso do Estado, em cumprir as promessas de integração social. Já no contexto escolar, foi possível notar que tantos os estudantes quanto os professores reconheceram as escolas enquanto espaços violentos, bem como a existência de incivildades, comprometendo a convivência entre as pessoas que constituem tais espaços. Conclui-se que deve-se reavaliar o instrumento de pesquisa do Estudo 2 para melhorar a verificação da relação de incivildade e sentimento de segurança, reforçar os espaços públicos de convivência tornando-se uma alternativa necessária a fim de reverter o panorama de banalização e mitificação da violência, sugerindo a existência de ser instituída uma concepção de segurança cidadã, fomentando a cidadania .

Palavras-chave: *incivildade, violência, escolas e município de Goiânia, cidadania.*

## Abstract

One of psychosocial factors determining the sense of insecurity are called the incivility that is a central theme in understanding the phenomenon of urban violence, once that occurs by living in harmony breaks that signal a break with social norms and values. Formed as the "enemy" of citizenship, especially with regard to community ties housing, incivilities affect also the expectations of cohabitation and social pacts that pervades human relations. The phenomenon of urban violence has been based on the theory of social representations, considered as a functional view of the world, allowing the individual to the group and give meaning to their behaviors and understand reality through their own system of references, and adapt and find a place in this reality. This dissertation builds on the previous project funded by CAPES / Cofecub, "Systems of Symbolic Mediation of Violence in Schools", whose aim was to understand how the phenomenon of incivility is and verify the relationship between incivilities and feeling of insecurity in the context of social representation of violence on residents of the municipality of Goiânia, as well as teachers and students from schools in Goiânia. And to this end, it was used data from three studies, funded by FINEP and CNPq, in different historical contexts and methodologies from the questionnaires in residents of Goiânia, teachers and students of public schools, also the city of Goiânia . The results indicate that the issue of incivilities are perceived by residents associated with the clutter of urban spaces, indicating thereby the difficulty of both the informal institutions, such as family, as the formal ones to deal with this phenomenon and in the case of the State, in fulfilling the promises of social integration. In the school context, otherwise, it was noticeable that both the students and teachers recognized the schools as violent places, as well as the existence of incivilities, compromising the relationships between people constitute these spaces. It concludes one must reassess the research instrument of the second study to improve the verification of the relationship of incivility and sense of security, enhance the public spaces of coexistence become a necessary alternative to reverse the landscape of myth and trivialization violence, suggesting that there be established a concept of citizen security, fostering citizenship.

Keywords: incivility, violence, schools and the municipality of Goiânia, citizenship.

## **Apresentação**

A violência é um fenômeno multi-determinado que tem se manifestado em todos os momentos da história da humanidade, desempenhando importante influência nas relações sociais. Assim sendo, a violência se constitui como um objeto de uma gestão psicológica presente, principalmente, naqueles que residem nos espaços urbanos. Tal fenômeno, em conjunto com a crise das diferentes instituições sociais tais como a escola, a família, o Estado etc., vem desencadeando o enfraquecimento dos laços sociais resultando no surgimento do sentimento de insegurança entre as pessoas.

Visando compreender melhor os processos que legitimam tal fenômeno de insegurança, Valério (2006); Spelman (2004) e Debabieux (1996; 2001) pesquisaram a origem desse sentimento. Assim, tais autores depararam com uma questão muito curiosa. Eles observaram que os sujeitos pesquisados sentiam-se inseguros em transitarem em locais onde a possibilidade real de serem vítimas de qualquer ato de violência (como furto, roubo, assalto, assassinato, ataque de gangues, estupro, etc.), era baixa. Ou seja, de acordo com as pesquisas, tais locais investigados não possuíam um histórico no qual pessoas foram assaltadas, assassinadas, ou que tinham sido vítimas de qualquer ato de violência de forma significativa (com alta frequência). Apesar de não existir, de forma relevante, a vitimização (pessoas que são vítimas de violência), muitos se sentiam inseguros de andarem em determinados locais da cidade, classificando-os como perigosos, mesmo que, de fato, eles não eram.

Diante disso, os mesmos autores (Valério, 2006; Spelman, 2004 e Debabieux, 1996; 2001) observaram que havia outros elementos que faziam com que as pessoas se sentissem inseguras nos lugares onde tinham baixa vitimização, mas mesmo assim classificavam o lugar como perigoso. Eis que surgem as incivildades. O fato de haver pouca vitimização não era motivo das pessoas se sentirem inseguras circulando em alguns bairros e sim a presença das incivildades.

Assim, o motivo pelo qual as pessoas se sentiam inseguras por andarem em determinados setores ou bairros das cidades investigadas era a presença de incivildades; manifestadas pela presença de bêbados nas ruas, prostituição, pessoas usando drogas em público, “empurra empurra” nos pontos de ônibus, muito barulho nas ruas, presença de muros e orelhões quebrados, pichação, casas abandonadas, ruas sujas, dentre outros. Então, de acordo com Debabieux (1996, 2001); Valério (2006) e Spelman (2004) o sentimento de insegurança era proveniente das incivildades, que explicam como a deterioração física de um local, juntamente com comportamentos de desordem social, podem levar as pessoas a preocuparem com a sua segurança. A questão das incivildades é um tema central na compreensão do fenômeno da violência urbana, pois está ligada ao crescimento da violência interpessoal, ao desinvestimento ambiental, ao pessimismo e descontentamento com o bairro e, a médio e longo prazo, com a violência criminal. Neste quadro, supõe-se que as incivildades constituem a inimiga cotidiana das práticas cidadãs, especialmente no tocante aos vínculos comunitários de moradia.

Vale salientar que as incivildades são diferentes da violência (propriamente dita), pois a primeira sugere atos e comportamentos considerados sem gravidade (xingar alguém, empurrar os outros em uma fila de ônibus, usar drogas em público, etc.); atos que rompem as regras elementares da vida social e, diferentemente de atos violentos (como assassinato, roubo, etc) não possuem devidas punições, dificultando o controle por parte das diferentes instituições sociais de manter a ordem e o bem estar dos cidadãos, tornando-se insuportável o convívio entre as pessoas. As incivildades sugerem as violências, elas permitem pensar as microviolências; isto é, elas preparam um ambiente que pode favorecer os atos de violência, sem ser, de fato atos reconhecidos com violentos; as incivildades quebram o pacto social de relações humanas e as regras de convivência (Debarbieux, 1996).

Dentro desse cenário, o autor dessa dissertação de Mestrado investigou o fenômeno das incivildades a partir da participação de três estudos, tendo como hipótese a relação entre incivildade e sentimento de insegurança no contexto da representação social da violência urbana. O mesmo autor participou dos três estudos, aplicando questionários, integrando aos diferentes membros de pesquisa nos diferentes momentos de desenvolvimento das mesmas; analisando os resultados, tabulando as informações, participando de reuniões e tomadas de decisões, participação de grupos de estudos e eventos acadêmicos, dentre outras atividades.

O estudo um teve como objetivo geral, estudar a Violência e a Insegurança no município de Goiânia, a partir de um convênio entre a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), a Prefeitura de

Goiânia/Guarda Municipal e o Ministério da Justiça, coletando a opinião dos moradores sobre o tema nos diferentes bairros e setores de Goiânia. Porém, nessa dissertação de Mestrado, tal estudo teve um recorte de análise, propondo-se estudar as incivildades percebidas pelos moradores do município de Goiânia .

Já o estudo dois foi baseado na pesquisa intitulada “Diagnóstico da Violência Urbana no Estado de Goiás”, financiado pelo FINEP em convênio com a PUC (Pontifícia Universidade Católica de) Goiás e UFG (Universidade Federal de Goiás). E, para o desenvolvimento da presente dissertação, investigou-se as possíveis relações, correlações, descrições e frequências das incivildades, sentimento de insegurança, a percepção de violência e a descrição de um lugar perigoso pelos moradores da cidade de Goiânia.

O estudo três, por sua vez, deu continuidade a um projeto anterior financiado, inicialmente, pelo convênio CAPES/Cofecub e, posteriormente, pelo CNPq; “Sistemas de Mediação Simbólica da Violência na Escola” no qual possibilitou-se a investigação da interação entre as chamadas “Incivildades” e o “Sentimento de Insegurança”, no contexto da violência urbana e nas escolas, a partir de análises descritivas, evocações sobre violências e a percepção das incivildades nas escolas tanto por parte dos professores quanto dos estudantes adolescentes.

Para a realização dos três estudos, foi desenvolvido um *survey* (distinto para cada estudo e adaptado de acordo com as demandas e adequações de cada um) baseado nas pesquisas de Abramovay e Rua (2002) sobre “Violência nas Escolas” e Bourdieu (2001) sobre o “Poder Simbólico”, explorando vários aspectos que constituíam os fenômenos que



foram propostos a investigar. Porém, para essa dissertação, foi feito um recorte, enfocando as questões referentes às percepções de violência e incivildades, bem com o sentimento de insegurança. Assim, com tais estudos, foi possível analisar e compreender os processos simbólicos, mais especificamente os processos representacionais que atuam na mediação das relações entre práticas sociais, o sentimento de insegurança e a percepção das incivildades no contexto da violência urbana e no meio escolar.

O desenvolvimento das três linhas de pesquisa se apoiou, para essa dissertação de Mestrado, na abordagem estrutural do estudo das representações sociais (RS), com especial ênfase à relação entre representações e práticas sociais.

### **Justificativa**

1- pela necessidade urgente de se compreender o fenômeno crescente da violência no município de Goiânia e no meio escolar, fenômeno presente tanto em diferentes espaços, tanto em bairros de classe média, quanto bairros de classe baixa, de modo a que se possa oferecer subsídios à elaboração de políticas públicas.

2- pela ampliação dos conhecimentos teóricos e metodológicos do autor para assumir, em forma de pesquisa, seu compromisso com a sociedade; que carece, a cada dia, de uma perspectiva apropriada para lidar com a complexidade que configura o contexto de fenômenos sociais como a violência, incivildade e sentimento de insegurança.

3- pela possibilidade de elaboração de um sistema de análise capaz de dar conta dos aspectos psicossociais atuantes no caso da violência urbana e nas escolas, com especial enfoque na percepção das incivildades e no sentimento de insegurança.

4- e, principalmente, pela necessidade de se compreender o fenômeno da violência no meio urbano e escolar, e de se compreender o modo pelo qual os diferentes agentes (no caso presente, os moradores de Goiânia, professores e estudantes adolescentes) gerenciam, por meio de mediações simbólicas e processos de interação e comunicação, a violência. E, no processo de análise das situações de violência, buscou-se a construção de modelos teóricos-metodológicos capazes que explicar tal fenômeno e outros afins, bem como instrumentalizar ambas as equipes em seu desenvolvimento acadêmico.

### **Objetivo Geral**

Compreender como se dá o fenômeno da incivilidade e verificar a relação entre incivildades e sentimento de insegurança no contexto da representação social da violência de moradores do município de Goiânia, bem como professores e estudantes de escolas em Goiânia.

### **Objetivos Específicos**

1- Verificar a relação entre incivilidade e sentimento de insegurança no município de Goiânia; quais são as incivildades mais freqüentes presente nos três estudos a partir da análise dos resultados obtidos nos

questionários; bem como a existência de correlações entre os fenômenos de violência, incivilidade e sentimento de insegurança;

2- Observar como os sujeitos percebem os lugares perigosos no município de Goiânia;

3- Levantar o conteúdo e a estrutura da representação da violência entre estudantes de escolas públicas;

4- Elaborar um sistema de análise do contexto de mediação simbólica da violência, capaz de verificar a intensidade e a natureza das interações entre representações e incivilidades elaboradas e percebidas por todos os sujeitos pesquisados

## **Capítulo 1 - Perspectivas teóricas sobre a Violência e as Incivildades**

Ao longo da história, a violência sempre esteve presente nas relações sociais e o seu significado muda de acordo com o contexto sócio-histórico e com as normas e valores culturais próprios de cada organização social. Hoje, disseminada e dramatizada pelos meios de comunicação em escala global, é, também, um objeto de uma gestão psicológica por parte das pessoas que percebem os fenômenos violentos como comuns à vida, principalmente daquelas que habitam os centros urbanos. Assim, seu rápido e difuso desenvolvimento possibilita inúmeros questionamentos em relação aos diferentes elementos que constituem sua complexidade, bem como a dificuldade das instituições públicas, educacionais, familiares e sociais de lidarem com a violência.

Os estudos de Mejia (2008) afirmam que na expressão simbólica de viver numa cidade violenta, as pessoas remetem a representações cobertas por um discurso de poder, que apresenta a gravidade da violência e da criminalidade, divulgados pela mídia. Grande parte dos sentimentos e emoções expressos em falas e opiniões sobre violência fundamenta-se no que os meios de comunicação de massa transmitem. A produção dessas representações é um efeito da violência simbólica exercida por tais meios de comunicação.

As modificações experimentadas pelas sociedades contemporâneas, marcadas pela expansão da economia de mercado, pela incorporação do conhecimento científico e tecnológico, pela produção industrial, pelos acordos de integrações econômicas supranacionais e regionais, pelo

crescimento da imigração, pelo florescimento de uma cultura de massa etc., devem ser consideradas como um processo complexo que atua de maneira contraditória, produzindo conflitos e disfunções, incidindo tanto sobre os sistemas sociais em grande escala como também sobre contextos locais e dos grupos situados em diferentes regiões do planeta (Santos, 1999).

Abramovay e Rua (2002) ressaltam que a percepção da violência, associada à crise das instituições de controle social formais (polícias, judiciário, sistema da justiça criminal) e informais (família, comunidade, vizinhança, escola) vêm provocando uma ruptura do contrato social, enfraquecendo os laços sociais, dilacerando o vínculo entre o eu e o outro. A partir disso, outros autores (Santos, 2002, 2004; Campos, Torres & Guimarães, 2004; Cotta, 2005) reforçam que a reação das pessoas se manifesta como sentimento de insegurança, caracterizada pelo medo do crime, (*fear of crime*), pelo pânico moral e pelo medo do outro, retratando assim, uma crise da civilidade na vida cotidiana, especialmente na vida nos espaços urbanos. Porém, Cardoso Filho (2002) coloca que a violência deve ser vista também no seu caráter positivo; visto que sua reflexão deve ser encarada hoje como um meio de lançar luz sobre as longas transformações civilizadoras quanto ao uso da violência.

Neste sentido, Santos (2002) questiona se não estariam surgindo novas formas de sociabilidade, novas normas ou um novo código social voltado para a produção ou reprodução da violência que dificultam a atuação do Estado em manter o bem estar social e, ainda, contribuem para a formação de uma violência simbólica e do sentimento de insegurança. Santos (2002) acrescenta, se perguntando, qual seria o sentido social da

violência enquanto excesso; o extremo, o sofrimento, o sem-sentido e o medo que, na sociedade contemporânea, derivam das incivildades, reunindo nesse termo as indelicadezas, as gritarias, os exibicionismos, os vandalismos, as pessoas sujando as ruas, usando drogas em público, comportamentos desbragados, as atividades de bandos juvenis, dentre outros (Debarbieux, 1996; Garcia 2006; Fenech, 2001).

As situações de pobreza, de desemprego, de desenraizamento cultural, de dificuldades na habitação e tantas outras motivadoras de exclusão social, segundo Cotta (2005), facilitam o aparecimento de áreas habitacionais mais ou menos degradadas e segregadas. Geram-se situações nos quais os valores da sociedade pouco pesam; a socialização funciona no pior modo, promovendo as incivildades e dificultando a realização do controle social. É alto o risco de se constituírem áreas sem lei ou terra de ninguém, *no man's land* no dizer de Cohen (1999); no qual as pessoas acabam perdendo a referência de comunidade e do próprio bairro onde vive, considerando que aquele espaço não pertence a elas mesmas e nem a ninguém, justificando assim a falta de cuidado para com tal espaço, deixando imperar o desleixo, a sujeira, o abandono, o medo; ou pior ainda, territórios dominados por bandos organizados, onde a polícia tem dificuldade em entrar. As relações de sociabilidade passam por uma nova mutação, mediante processos simultâneos de integração comunitária e de fragmentação social, de massificação e de individualização. Como efeitos dos processos de exclusão social e econômica, inserem-se as práticas de violência como norma social particular de amplos grupos da sociedade,

presentes em múltiplas dimensões da violência social e política contemporânea (Santos, 1999).

Assim, na visão de Santos (1999), afigura-se nas sociedades do século XXI o fenômeno da violência difusa, cujas raízes localizam-se nos processos de fragmentação social. Nesse sentido as instituições socializadoras, tais como a família, a escola, a religião, as fábricas, etc., estariam vivendo um processo de crise e desinstitucionalização. Se antes as relações de sociabilidade construídas nessas instituições eram marcadas prioritariamente pela afetividade e pela solidariedade, hoje reaparecem como preferencialmente conflitivas.

Esboçando a noção de sociabilidade violenta a partir de uma análise da natureza e sentido da radical transformação de qualidade das relações sociais, e as práticas de criminosos comuns, Silva (2004) aponta que os padrões de sociabilidade convencionais, regulados no âmbito do Estado, em determinados contextos e sob certas condições, perdem a validade e são substituídos por um complexo de práticas estruturadas na relação de forças.

Segundo essa perspectiva, alguns grupos constroem padrões de sociabilidade onde os conflitos encontram espaço privilegiado para sua emergência. Diante da crise das instituições socializadoras, da fragilização e fragmentação dos laços sociais, e do incremento dos processos excludentes impulsionados pelas mudanças verificadas na modernidade, modelos de relações interpessoais construídos na e pela violência convivem lado a lado com os modelos de sociabilidade regulados pelo Estado e construídos com base nos padrões civilizatórios. Nesse sentido, segundo Silva (2004)

não há luta, mas convivência de referências, conscientes ou pelo menos claramente 'monitoradas', a códigos normativos distintos e igualmente legitimadas, que implicam a adoção de cursos de ação divergentes (p.73).

Afirmando que as transformações verificadas na contemporaneidade têm produzido uma nova morfologia dos processos sociais, Santos (1999; 2004) sugere que uma nova forma de sociabilidade está se desenhando no contexto atual, definida por estilos violentos de sociabilidade, que invertem as expectativas do processo civilizatório, viabilizando as incivildades.

Consistem, as incivildades, em atos e comportamentos considerados sem gravidade e que têm caráter essencialmente público — são, portanto, da ordem das relações entre o espaço público e os indivíduos (Roché, 2002). O conceito exclui tudo o que tem relação com o privado, assim como os afrontamentos violentos — mesmo aqueles com graves conseqüências para a vida social. As incivildades são, em suma, atos que rompem as regras elementares da vida social; o que inclui as pequenas delinqüências, a agressividade, a insensibilidade em relação aos direitos do outro, as quais, apesar de se darem no nível micro da vida em sociedade, quebram o pacto social de relações humanas e as regras de convivência (Debarbieux, 1996).

Segundo, ainda, Debarbieux (2001) "A incivildade permite pensar as microviolências que, se acumulando, tornam inabitável o mundo dos homens" (p. 179). Assim, o que se revela insuportável não é a desordem em si, mas a sua repetição cumulativa e ilimitada, sem a devida punição, que acarreta conseqüências negativas. Além disso, por serem visíveis diariamente, as incivildades denotam tensões sobre a ocupação dos espaços, sobre as relações entre indivíduos, e uma deterioração da comunidade, fazendo com que haja um sentimento de perda de controle



social, que leva as pessoas a perceberem um determinado local como perigoso e com alta incidência de crimes (Cotta, 2005; Spelman, 2004). Essa falta de controle aumenta, portanto, o sentimento de insegurança, visto que o indivíduo se vê incapaz de prevenir ou lidar com as conseqüências de uma possível vitimização (Bannister & Fyfe, 2001).

A perspectiva das incivildades explica como a deterioração física de um local ou região, em conjunto com comportamentos característicos de desordem social, podem levar as pessoas residentes em áreas urbanas a se preocuparem com a sua segurança e questionarem o sentido de sua comunidade (Robinson, Lawton, Taylor & Perkins, 2003). Na verdade, essa perspectiva surgiu da necessidade de se compreender a presença do sentimento de insegurança em locais onde a vitimização é baixa, e em pessoas com menor probabilidade de serem vitimizadas (Valério, 2006; Spelman, 2004). O termo 'incivilidade' refere-se às freqüentes erupções de desordem, àquelas manifestações de difícil identificação, mescladas no cotidiano das pessoas sendo compreendidas nos termos propostos por Debabieux (1996) como as transgressões no cotidiano. Assim, as expressões de incivildades se dão por quebras de convívio em harmonia que sinalizam uma ruptura com as normas e valores sociais convencionais. No entanto, esta ruptura trazida pelas incivildades, vai além das regras, atingindo também as expectativas em relação à convivência, e os pactos sociais que perpassam as relações humanas, questões estas que se supõe que sejam de domínio público – desde a infância (Garcia, 2006).

É possível classificar as incivildades em perturbações sociais e perturbações físicas. A primeira inclui a presença de mendigos, usuários de

drogas, venda pública de drogas, ruídos sonoros, crianças mal comportadas, jovens arruaceiros, gangues, bêbados, prostituição, brigas entre vizinhos entre outros. Já a segunda, está relacionada ao vandalismo, carros e casas abandonadas, lotes baldios, grafite, lixo, locais utilizados para o tráfico e outros (Valério, 2006; Spelman, 2004; Robinson & cols, 2003). As incivildades variam quanto à intensidade com que provocam as reações nas pessoas e existem indícios de que as incivildades sociais provocam mais reações do que as físicas, no entanto deve-se considerar o contexto no qual cada comunidade se insere (Spelman, 2004).

Torna-se imprescindível, ainda, agregar ao termo incivildade a discussão sobre cidadania, ou seja, como violência relacionada ao desrespeito aos direitos humanos e de cidadania (Adorno, 1994; Cardoso, 2002). O termo civil (de onde decorre a palavra incivildade), em sua origem, tem basicamente duas significações (Cunha, 1982): a do respeito nas relações pessoais e a de cidadania. Velho (1996; p.14) observa que a modernidade concebeu a noção de cidadania como a “[...] consolidação de um espaço público onde indivíduos interagem e negociam politicamente”. Não se tratam, portanto, de ações unilaterais, mas de relações políticas, de poder, de negociações entre indivíduos.

Cidadania é consciência dos direitos iguais, mas esta consciência não se compõe apenas do conhecimento da legislação e do acesso à justiça. Ela exige o sentir-se igual aos outros, com os mesmos direitos iguais. Há uma necessidade subjetiva para suscitar a adesão, a mobilização, tanto quanto condições para agir em defesa destes direitos (Sawaia, 1994).

Elias (1994) argumenta que a violência constitui-se, por conseguinte, num horizonte permanente. Evitá-la ou superá-la reside na eficácia dos instrumentos institucionais inventados para mediar os conflitos e garantir o ordenamento social de que o Estado é o grande exemplo. Por outro lado, se ela é uma possibilidade constante, o trabalho civilizador define uma alternativa superior, ainda que incompleta e vulnerável, ao uso da violência. Assim, a formação da pessoa civilizada dependerá, segundo Elias (1994), do estágio no processo civilizador em que se encontrar sua sociedade. Esse estágio é identificado, dentre outras formas, pela eficácia das estratégias não violentas de resolução dos conflitos, além, evidentemente, pelo acesso da maior parte da população às condições mínimas de cidadania como saúde, educação, lazer, trabalho, moradia etc..

Se a sociedade civil se caracteriza por sua capacidade de deliberação e pela ação coletiva, nos limites estabelecidos pela não usurpação e pela civilidade, então, de acordo com Whitehead (1999), pode-se esperar que ela delibere e aja sobre as ameaças previsíveis à sua existência, ou à sua capacidade de desenvolvimento futuro. Todavia, essa mesma sociedade civil sempre será pressionada a partir de múltiplas fontes e que em qualquer comunidade política moderna o mais provável é que ela conviva com fontes persistentes e substanciais de incivilidade. Não haverá nunca, para Whitehead (1999), a tendência à uniformidade de cobertura por meio de qualquer Estado nacional. Conseqüentemente, certa capacidade de organização sempre será requerida para a autodefesa e a auto-reprodução, de forma a que se consiga segurança e preservação da hegemonia política.

A partir de tal pontuação, Santos (2004) questiona se existe a possibilidade de ser instituída uma concepção de segurança cidadã, que ele define como um modelo de controle social que se preocupe em integrar a participação social tendo como finalidade o “resgate” dos espaços urbanos proporcionando uma vida cotidiana mais saudável e na qual o sujeito exista na capacidade de viver plenamente suas relações.

Já Wieviorka (2004) formula a idéia de que “a violência é freqüentemente, pelo menos parcialmente [...] a marca de um sujeito contrariado, proibido, impossível ou infeliz” (p.24). É a marca de uma pessoa que foi, ela mesma, vítima de uma violência. Seguindo esta linha de análise, o autor afirma que a violência urbana, ligada à frustração pelo não acesso aos bens materiais ou a um reconhecimento simbólico, ligada à discriminação e ao racismo, ou ainda ligada ao sentimento de abandono ou ressentimento em relação às instituições e ao Estado, é melhor compreendida quando tomada a partir da noção de sujeito. Aqui a violência urbana é percebida em função de uma recusa de subjetividade, de um não reconhecimento que contribui para a construção de uma subjetividade também impossível ou infeliz.

A questão das incivildades é um tema central na compreensão do fenômeno da violência urbana. As pesquisas sobre as incivildades assinalam seu vínculo com o crescimento da violência interpessoal, com o desinvestimento ambiental, o pessimismo e descontentamento com o bairro e, a médio e longo prazo, com a violência criminal. Pode-se supor que, neste quadro, as incivildades constituem a “inimiga” cotidiana das práticas cidadãs, especialmente no tocante aos vínculos comunitários de moradia.

Configura-se assim um quadro de insegurança e incerteza: o sujeito não sabe se extermina o criminoso ou o deixa viver, não sabe se as autoridades combatem ou proliferam a violência. Muitos sujeitos partem em busca de soluções mágicas que venham a preencher o vazio deixado pela ineficiência e descrédito no governo e na polícia. Já que os problemas criados pela sociedade não conseguem ser resolvidos pelas pessoas que a compõem, surge um apelo a “forças” que a transcenderiam, capazes de solucionar como num passe de mágica os problemas que circundam a todos.

## 1.1 - A teoria das Representações Sociais

Foi a partir da teoria das Representações Coletivas de Durkheim (1985) que Moscovici desenvolveu de forma sistematizada a teoria das Representações Sociais (RS). Um primeiro delineamento formal do conceito surgiu no trabalho de Moscovici intitulado *La Psychanalyse, son Image et son Public* (1961, 1976), a propósito do fenômeno da socialização da psicanálise, de sua apropriação pela população parisiense, do processo de sua transformação para servir a outros usos e funções sociais. Moscovici (1961, 1976), tinha, a partir de tal fenômeno, o objetivo de redefinir os problemas e os conceitos da Psicologia Social. Assim, os fenômenos, o conceito e a teoria das Representações Sociais só podem ser bem apreendidos no contexto de tal processo de renovação temática, teórica e metodológica da Psicologia Social.

As Representações Sociais, segundo Moscovici (1978), são uma modalidade de conhecimento particular, cuja função é elaborar o comportamento e a comunicação entre indivíduos, de tal forma que o indivíduo se constrói na relação com o outro e com a sociedade, estabelecendo, nesse processo de relações as Representações Sociais. Moscovici (1981) refere-se as Representações Sociais como um

[...] conjunto de conceitos, proposição e explicações, originado na vida cotidiana, no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças da sociedade tradicionais; senso comum. (p.181).

Em outras palavras, as Representações Sociais são elaboradas no coletivo, possibilitando construir e interpretar o real e gerando, nesse processo, modificações nos indivíduos e no meio social a que pertence.

Juntamente com Moscovici, Jodelet (1989, 1991, 2001) é, na Psicologia Social, a autora que, estudando representações sociais, tem insistido na necessidade que os indivíduos ressentem de se situarem no mundo, explicar esse mundo e se explicarem dentro dele, apontando, ao mesmo tempo, para o fato da teoria das representações sociais ser a forma como os indivíduos concretizam tal necessidade. As RS são, então, uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social, ou seja, as RS são produzidas e sustentadas por grupos específicos, dentro de uma conjuntura socio-histórica.

Neste sentido, Jodelet (2001), frente aos diferentes contextos, elementos, objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, assume que os sujeitos que participam em diferentes espaços, não estão isolados num vazio social: eles partilham, constroem, reconstroem e transformam esse mundo com os outros, que servem de apoio mutuamente, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Enquanto sistemas complexos sempre ativados e em ação na vida social, as RS interferem em processos variados, participando como guia na elaboração da realidade, de modo a possibilitar uma leitura e compreensão do mundo concreto e organizando as condutas e comunicações sociais a fim de possibilitar um ajustamento prático do sujeito ao seu meio (Abric, 1998).

As RS podem, assim, ser consideradas enquanto uma visão funcional do mundo, permitindo ao indivíduo e ao grupo dar um sentido às suas condutas e compreender a realidade por meio de seu próprio sistema de

referências, permitindo assim ao indivíduo se adaptar e encontrar um lugar nessa realidade. Quiçá, por tais razões, as RS são tão importantes na vida cotidiana, pois elas circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais. Não podendo, dessa forma, serem consideradas como meros enunciados sobre a realidade, mas teorias sociais práticas sobre objetos relevantes na vida dos grupos (Vala,1996).

A afirmação de que as RS, embora resultado de experiências individuais, são condicionadas e, neste sentido, dependentes das inserções sociais dos indivíduos que as produzem, sem retomar o eterno debate em torno das relações indivíduo/sociedade. E, na tentativa de tornar os fenômenos sociais inteligíveis, as RS situam-se em uma perspectiva teórica que abrange concomitantemente o social e o psicológico, permitindo uma relação tanto conflituosa quanto simbiótica entre os dois termos que a constituem; na qual indivíduo e sociedade configuram uma relação de mútua dependência, dialeticamente conflituosa em alguns contextos, relativamente harmoniosa e que o indivíduo, pode assumir sua condição de agente ou ator, de poder fazer algumas escolhas e tomar algumas decisões, mesmo que limitado. Porém, vale ressaltar que não se trata de reciprocidade; convém tomar as representações como uma condição das práticas, e as práticas como um agente de transformação das representações (Abric, 1998; Campos, Guimarães & Torres, 2004; Rouquette, 1998; Sá, 2002).

Segundo Moscovici (2001; 2003), Durkheim (1985), o verdadeiro inventor do conceito de representações diz que a dialética ou tensão desta relação indivíduo/sociedade, pode ser captada pela distinção entre



representações individuais e representações coletivas. Nas representações individuais, vinculadas à experiência individual, são mais instáveis e incomunicáveis: são percepções, sensações, imagens da consciência de cada indivíduo, não viabilizando uma base segura para a formação dos conceitos passíveis de serem partilhados e comunicados entre os indivíduos. Já as representações coletivas, são produto da consciência coletiva, são mais impessoais e resistentes à mudança (Durkheim, 1985). Para Durkheim (1985), então, predomina uma grande homogeneidade nas representações coletivas que em um dado momento circulam numa sociedade. Estas, sem serem eternas são bastante permanentes. O realce dado à homogeneidade torna-se então um componente bastante problemático da teoria, se se quer contemplar a fragmentação, a multiplicidade e a pluralidade constitutiva das sociedades contemporâneas assim como assumida nas RS em Moscovici (2003), que defende que as transformações evidenciadas na era moderna consolidaram formas mais eficientes e abrangentes de comunicação em massa, permitindo uma ampla circulação das idéias e a inclusão de outros grupos no processo de produção psicossocial do conhecimento, concorrendo para a criação de um universo consensual de forma dinâmica, diferentemente das representações coletivas de Durkheim. Assim, a representação pode ser considerada tanto como um produto da comunicação como também o que possibilita a comunicação entre os membros da comunidade, fornecendo um código para nomear e classificar os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social.

As RS's, comumente designadas de saber de senso comum ou conhecimento ingênuo, tomam a forma de conhecimento universal caracterizando-se como um saber impresso nas interações da vida social e, por expressarem visões de mundo, explicando e atribuindo sentido aos fenômenos dos quais se ocupam, acabam sinalizando o processo de compreender as relações entre representações sociais e a compreensão do mundo por parte dos agentes sociais. Tais relações supõem solidariedade entre o fenômeno e sua representação para que existe atualmente uma conexão substantiva entre a contribuição real de situações e eventos no mundo. A solidariedade entre evento e representação do evento é total, possibilitando os vínculos entre realidade e representação da realidade. Vale ressaltar que a representação social caracteriza-se como um processo de adaptação cognitiva do sujeito à sua realidade social concreta, colocando em evidência a determinação das práticas pelos sistemas de representações sociais do sujeito que, frente a um objeto definem suas possíveis condições de ação, funcionando como guias para a ação (Abric, 2001).

Abric (1976, 1984, 1987, 1994) e Flament (1987, 1989, 1994) desenvolveram uma teoria cujo valor heurístico e validade já foram demonstrados em várias pesquisas e, Campos, Guimarães e Torres (2004), acrescenta que as representações são conjuntos de elementos organizados e estruturados. Trata-se da Teoria do Núcleo Central assumindo um duplo sistema: o central, que refere-se a um subconjunto de elementos em torno do qual as representações são organizadas, vinculado às condições históricas, culturais, sociais e ideológicas; e o periférico cuja determinação é

mais individualizada e integra as experiências cotidianas e histórias individuais. Trata-se do sistema que comporta os componentes mais acessíveis, vivos, imediatos e concretos da representação, desempenhando papel fundamental em sua adaptação às evoluções do contexto e na proteção do núcleo central frente a mudanças bruscas no meio.

Assim, as representações sociais apresentam características aparentemente contraditórias resultantes de sua própria estrutura. Segundo Abric (1998), as representações sociais “são, simultaneamente, estáveis e móveis, rígidas e flexíveis; são, ainda, consensuais e marcadas por fortes diferenças individuais” (p.34), já que a homogeneidade não é definida pelo consenso entre os sujeitos, mas pela organização da representação em torno de um núcleo central.

E, ainda, é preciso citar o estudo da objetivação e ancoragem das RS, cujos processos são, segundo Moscovici (1961) *sine qua non* na gênese de uma representação social. Nesse sentido, Jodelet (1989), argumenta que as representações sociais servem de guia para as ações dos sujeitos em seus relacionamentos com o mundo e com os outros e elas se constituem nos processos de objetivação e ancoragem: na objetivação, busca-se organizar e dar forma ao conhecimento, isto é, "concretizar", esse conhecimento, viabilizando a visualização do novo conceito. “A imagem deixa de ser signo e passa a ser uma cópia da realidade” (Werba & Oliveira, 1998, p.109). Na ancoragem, trata-se de forma de tornar familiar o que não é familiar. Ou seja, é um processo dinâmico pelo qual um objeto novo vai sendo associado, transformado, ancorado a conhecimentos que já constituem, constituíam a determinados conhecimentos e práticas anteriores

em um determinado grupo. De acordo com Campos, Guimarães e Torres (2004) “[...] é um processo permanente nas representações sociais, pelo qual a representação cria e mantém vivas suas raízes nos sistemas sociocognitivos” (p.34), sendo o estudo dos processos sociais e cognitivos que sustentam viva a representação.

O modo de estudar a relação entre práticas sociais e representações sociais é um grande desafio para os psicossociólogos de várias orientações, porque implica a assimilação de dados de natureza cognitiva e comportamental (Campos & Guimarães, 2004). Assim, na perspectiva de estudar as situações sociais reais, uma fórmula mais exata de definir as práticas sociais é concebê-las como sistemas complexos de ação (Abric, 1994), ou ainda, como conjuntos de condutas finalizadas pelos e para o grupo. Dessa forma, a noção de prática teria como referência básica, a ação, o agir dos grupos; e a ação comporta então dois componentes: o vivido e o cognitivo. E, segundo Campos e Guimarães (2004), é isso que permite certa legitimidade em estudar a ação, também por meio de instrumentos de natureza cognitiva.

Para entender a natureza das relações possíveis entre práticas e representações, Campos e Guimarães (2004) ressaltam a importância de retomar a abordagem estrutural que diz respeito à função de orientação e justificativa colocadas por Abric (1989, p.202):

As representações produzem a antecipação dos atos e das condutas (de si mesmo e dos outros) e a interpretação da situação dentro de um sentido preestabelecido, graças a um sistema de categorização coerente e estável. Iniciadoras de condutas, elas permitem sua “justificativa” em relação às normas sociais e sua “integração”.

De todo modo, pergunta-se se “são as práticas que determinam as representações ou é o inverso” (Campos, Guimarães & Torres, 2004, p.29). Para responder tal questionamento, Rouquette (1998), afirma que não é exato dizer que as representações sociais e as práticas sociais se influenciam reciprocamente. Mas é razoável considerar as representações como condição das práticas, e as práticas como agente de transformação das representações. Concebidas como sistemas complexos de ação, as práticas estão longe de construir “objetos” claramente diferenciados das representações: tanto uma prática pode ser objeto representado; como uma representação qualquer pode conter elementos, conteúdos de esquemas, referentes aos aspectos práticos. Assim, é possível, na relação complexa entre o estudo das práticas sociais no campo das representações sociais existir casos em que as práticas determinam as representações, casos em que as representações determinam as práticas e os comportamentos e casos em que práticas e representações se autodeterminam reciprocamente.

A teoria das representações sociais tem se apresentado como um recurso na compreensão dos fenômenos de senso comum e de práticas sociais, tornando-se importante na educação principalmente ao tratar as relações que permeiam os indivíduos que dela participam, estabelecendo relações entre si e construindo imagens socioculturais e sociocognitivas.

Morin (1990) caracteriza a representação a partir do processo de conhecimento do homem, esclarecendo que "quando o pensamento descobre o gigantesco problema dos erros e ilusões que não cessaram e não cessam de impor-se como verdade ao longo da história, ele deve

procurar conhecer-se" (p.13). Dessa forma, é possível contextualizar o fenômeno social em estudo através da sistematização das informações conhecidas para uma visão global, permitindo entender os limites e possibilidades impostos por uma organização social aos indivíduos que a integram.

Morin (1990) afirma que palavras, idéias e frases associam-se intimamente à representação de que denotam os elementos, acontecimentos, ações, coisas, seres e de que designam o sentido global. As representações são, portanto, expressas no meio de sinais de sinais verbais e não verbais, onde a linguagem é um sistema de diferenças e identidades, e a cognição do homem desenvolve em operações lógicas para o pensamento.

O estudo das representações leva, portanto, à percepção de como os diferentes aspectos da vida social se apresentam aos grupos, ou segmentos e se configuram como um estado de ordem ou desordem, pondo em cheque a estrutura e a organização social.

As representações passam a se constituir como marcas que a sociedade imprime nos sujeitos, garantindo o alargamento e a acumulação de saberes, valores, costumes e idéias, embora possa também acarretar uma não variação desses aspectos sociais. Assim, uma sociedade pode apresentar diferentes características em relação às marcas culturais.

De acordo com Morin (1990, p.114) a linguagem é o instrumento que permite "a cultura imprimir-se sob a forma de saberes, experiências, normas, injunções, interditos, na intimidade de cada espírito e com isso, fornece a

cada espírito, possibilidades próprias de desenvolvimento, ao mesmo tempo que exerce controle social sobre esse desenvolvimento".

As diferentes visões de mundo assumidas pelo homem são expressas em suas representações, onde o indivíduo utiliza diversas formas de linguagem para expressar óticas variadas e coerentes com sua posição na sociedade. É através da linguagem que o sujeito formula a crítica, o desvio e se exprime em diferentes situações de sua existência.

Morin (1990) percebe a representação como expressão do conhecimento humano, o que resulta da apreensão do indivíduo sobre uma realidade, que pode vir a ser real e objetiva ou real e imaginária, tendo como base as experiências vividas, dependendo de como cada indivíduo percebe o mesmo fenômeno.

O estudo das representações sociais vem se destacando em diferentes áreas do conhecimento pelas contribuições que trazem à compreensão do sujeito, como se interpreta e como interpreta os outros e o mundo ao seu redor. Percebe-se nesse contexto, que a educação surge como processo de aprendizagem dos diferentes códigos e das habilidades necessárias para a convivência em sociedade.

O conhecimento das representações sociais que envolvem educadores, educandos e todos os outros pertencentes à comunidade escolar permite o desenvolvimento de uma nova visão para a tarefa educativa. Esta surge como uma prática que reproduz e recria as relações sociais, fazendo-se necessário, portanto, saber ouvir sem a precipitação de uma interpretação imediata, percebendo que o discurso construído é

resultado da interação entre as pessoas e não uma resposta às questões pré-estabelecidas.

Em síntese, pode-se dizer que as representações sociais seriam padrões de conduta (inconscientes ou não) que formam nosso modo de ser, agir e pensar a respeito de determinados fenômenos ou experiências da vida; podendo se referir a um padrão predominante no passado ou uma configuração dialética entre elementos do passado e do presente, levando a uma perspectiva futura.

Portanto, a teoria das RS oferece diferentes elementos para a compreensão de diversos fenômenos sociais de um determinado contexto histórico e cultural, possibilitando uma maneira singular da construção da realidade dos processos contraditórios que configuram e constituem a complexidade e dinamicidade de diferentes grupos.



## 1.2 - Representações Sociais da Violência

Concebe-se neste texto sobre as RS da violência enquanto diferentes elementos de sentido articulados, que se relacionam e se organizam ou se encontram em oposição e em competição a outros elementos de sentido, constituindo uma rede de significações que permite avançar no conhecimento da sociedade, fundamentando-se no reconhecimento tanto da importância teórico-metodológica do conceito como estratégia de conhecimento do social quanto de que a realidade cotidiana da violência difere das representações feitas sobre ela e dos discursos ideológicos ou míticos construídos em torno dela.

Vale ressaltar que a teoria das RS possibilitam “uma aproximação à fenomenologia da violência fundamentada no que as pessoas pensam, como agem em situações de violência e os sentimentos e emoções que nelas produz” (Mejia, 2008, p.73). Assim, “(...) a análise das representações sociais de violência permite desvendar subjetividades, idéias, práticas e atitudes dos atores sociais em torno da violência, e estratégias individuais e coletivas utilizadas para enfrentá-la” (Mejia, 2008, p.74). Guimarães e Campos (2007) argumentam que a violência, enquanto fenômeno social complexo que suscita representações, deve ser apreendida a partir das condutas e práticas humanas que lhe dão suporte, em conjunto com os sistemas simbólicos que lhe conferem sentido.

Sendo produzidas coletivamente dentro de uma determinada conjuntura sócio-histórica, a representação social da violência produzida por certo grupo apresenta uma relação direta com as práticas violentas que envolvem este mesmo grupo. Assim, a identificação destes elementos

representacionais permite a compreensão do sistema de gestão simbólica da violência e possibilita a compreensão da relação existente entre esses elementos e as práticas violentas. Porém, a violência não pode, por outro lado, ser redutível aos afetos, às representações e às normas que dela propõem tal grupo, pois a percepção de violências reconhecidas como tal oscila constantemente entre o excesso e a falta, entre a tendência à dramatização e à amplificação e a propensão à banalização e à indiferença (Wieviorka, 2004).

No que diz respeito aos aspectos objetivos e subjetivos, Wieviorka (2004) diz que, de modo semelhante ao que se passa em relação a todo fato social é necessário admitir que a violência pode ser objeto de uma definição que tende à objetividade, seja em suas expressões físicas ou homicidas, por exemplo, sendo necessário reconhecer, que o real é produto de processos, individuais e coletivos, através dos quais categorizamos, selecionamos, hierarquizamos, entendemos ou ignoramos o que constitui a realidade” (Wieviorka, 2004).

Segundo Mejia (2008) deve-se buscar as relações entre o fenômeno e suas representações, não considerar que as representações sejam sinônimo do real e sim como mais um elemento constituinte da realidade que precisa ser analisado como condição um conhecimento pertinente.

De acordo com pesquisas centradas na análise de representações sociais (Mejia, 2008), observa-se a busca de elementos como crenças, valores, ditados populares e ideologias, tomados em sua condição de representações sociais, aportam ao conhecimento do social, descartando algo que esteja desvinculado do real; assumindo-as , assim, como substrato

material, sinal externo, vida cristalizada (Durkheim, 1985). Por sua vez, a definição mesma de violência pertencente a um dado grupo estará diretamente ligada aos valores vigentes a tal grupo.

Buscou-se aqui enfatizar a importância das representações na sua postura teórica e metodológica, bem como refletir sobre a perspectiva que permitem centrar o foco da compreensão nos indivíduos e suas respectivas interpretações que estes indivíduos fazem nos diferentes espaços que atuam, sem desconhecer suas práticas sociais em contextos específicos, valendo a afirmação de que a ação social e representação social são fenômenos solidários: as subjetividades presentes nas representações da violência interferem, direta ou indiretamente, nos processos de organização das ações e relações sociais (Mejia, 2008), fundamentando-se no pressuposto de que as narrativas têm um caráter simbólico que ultrapassa as experiências, desde que se entenda que as experiências individuais estão imbricadas em experiências sociais (Porto, 2006a, 2006b).

Os sujeitos adultos, de acordo com os estudos de Mejia (2008) sobre o controle social expresso em representações sociais de violência, insegurança e medo, geralmente concebem a violência como um fenômeno desterritorializado ou adstrito ao território de outros. Na visão dos jovens, a violência é um fenômeno inerente ao município ao qual pertencem. A maioria dos jovens narrou acontecimentos de violência recentes, próximos no tempo, no espaço físico e nas relações sociais, sustentado em práticas de violência, e da imprevisibilidade dessas práticas que impedem a proteção aos moradores.

A violência e a criminalidade estão entre os fatores que mais geram preocupação e medo para os indivíduos atualmente, seja porque fazem parte da vida cotidiana, principalmente nos grandes espaços urbanos, ou porque as notícias de violência têm tomado conta de boa parte das manchetes dos meios de comunicação: jornais, televisões e rádios. Tem-se de lidar com a violência de alguma forma, por experiência direta ou indireta; nesse processo de compreensão da realidade, as representações sociais tornam-se fundamentais para se apreender o fenômeno da violência, mas sem ser uma construção definitiva, e sim apresentando certa plasticidade que se realiza em função dos diversos contextos históricos.

O conceito de representação social ajuda a entender como se dá a instituição imaginária da sociedade pela via da cognição e dos afetos. Assim, as concepções de violência vigentes na sociedade vão recebendo ao longo do tempo novas significações e representações pelos diversos grupos sociais; a violência não é a mesma de um período a outro da história, mas vai sofrendo transformações de acordo com as mudanças nos contextos sociais, políticos e econômicos que ocorrem não só localmente, mas também mundialmente (Wieviorka, 1997).

Wieviorka (1997) afirma que atualmente parece justificar novos atores da violência; com a globalização e o consumismo exacerbado, a inserção do indivíduo na sociedade se relaciona à sua capacidade de produzir e consumir bens materiais. Talvez, esse novo modelo social leve a práticas de violência que visem fins econômicos. A questão da violência no Brasil é agravada pelas sucessivas crises econômicas e sociais que empurram parte

da população empobrecida para um estado quase miserável, o que acaba por favorecer certas práticas criminosas como alternativa de vida.

A maneira como os indivíduos percebem valores como respeito à vida, religiosidade, solidariedade e honestidade parece ser outro fator que favorece o crescimento das práticas de violência: aquilo que muitas vezes é chamado de violência por motivos banais parece denunciar um enfraquecimento de valores morais e éticos na maneira de os sujeitos enfrentarem conflitos que surgem em seu cotidiano.

Um dos aspectos que chama atenção dentro do panorama de representações sobre a violência é a descrença da população nas instituições responsáveis por manter a ordem e a justiça. O declínio e o enfraquecimento do poder do Estado em resolver as questões sociais freqüentemente levam a crer que a segurança pública aparenta estar mais para calamidade, do que para um problema a ser resolvido, o que gera um constante estado de alerta e preocupação social.

Cresce cada vez mais a idéia de que os sistemas judiciário e legislativo não possuem uma solução para violência e tampouco se preocupam com ela. A polícia, por sua vez, é vista como uma instituição mal preparada e mal formada, que deveria combater a violência, mas que parece contribuir para que ela cresça. O medo da polícia e a descrença nessa instituição contribuem para o fortalecimento da idéia de que a violência é um problema insolúvel, e da visão de que a sociedade tende para um caos completo (Cardia, 1997).

A violência, nesse contexto, passa a ser um fenômeno para além de suas implicações objetivas e ganha contornos de um “mal social”, um

“fantasma” a rondar e assustar a todos o tempo todo, gerando um sentimento constante de insegurança e preocupação por parte dos indivíduos, que se sentem ameaçados e vulneráveis em seu cotidiano. As percepções tornam-se confusas e incertas, contribuindo para a mitificação do fenômeno da violência.

## Capítulo 2 - Método

Para verificar as incivildades, a representação social da violência e o sentimento de insegurança pelos moradores do município de Goiânia, professores e estudantes adolescentes de algumas escolas públicas (também do município de Goiânia), foram utilizados dados de três estudos em contextos históricos e metodológicos diferentes.

### 2.2 - Estudo 1

Para a primeira pesquisa, realizada em 2007, foi aplicado um questionário a partir de um *suvey* baseado nas pesquisas de Abramovay e Rua (2002) e Bourdieu (2001), contendo uma questão que investigou 15 incivildades (disponível no Anexo 1), variando de 0 a 4 (**0**, Isto nunca acontece; **1**, Acontece raramente; **2**, Acontece moderadamente; **3**, Acontece muito ; **4**, Acontece de maneira exagerada). Participaram 1.767 sujeitos, (tendo 1486 questionários válidos) de ambos os sexos, com idades variando de 15 a 59 anos, distribuídos segundo as 12 regiões da cidade de Goiânia (Central, 150 sujeitos; Campinas, 150; Leste, 150; Macambira, 150; Meia-ponte, 150; Mendanha, 146; Noroeste, 150; Norte, 144; Oeste, 145; Sudeste, 144; Sudoeste, 150 e Sul, 138) de acordo com o Censo 2000 e a estimativa populacional do IBGE, em 2005. A Tabela abaixo demonstra a relação dessas regiões e quantidade de sujeitos que foi pesquisador por cada região.

**Tabela 1- Distribuição dos sujeitos por região – Estudo 1**

Região	Sujeitos
--------	----------

Central	150
Campinas	150
Leste	150
Macambira	150
Meia-ponte	150
Mendanha	146
Noroeste	150
Norte	144
Oeste	145
Sudeste	144
Sudoeste	150
Sul	138
Total	1.767

Cada efetivo foi equilibrado em termos de faixas etárias que compõem a população e em termos de sexo. Também se deve salientar que foi adotado como critério de inclusão na pesquisa aquelas faixas etárias que asseguram mobilidade social e contato com a realidade do bairro, dentro de uma relativa autonomia do sujeito; ou seja, foram excluídas aquelas faixas de sujeitos com muito pouca idade, considerando que o universo social da criança é protegido e a interação da criança com o fenômeno da violência é sempre mediada pelos agentes socializadores, e por razões análogas, além da dificuldade de locomoção, também foram excluídas as faixas etárias acima de 59 anos, considerando as condições de vida dos sujeitos da terceira idade, na nossa cultura.

Deste modo, o Censo 2000 indica uma população existente de 707.632 habitantes na faixa de 15 a 59 anos de idade, obtendo-se uma margem de erro  $e = 2,3764$  (2%). Por outro lado, uma projeção da população, na mesma faixa etária, tomando por base a estimativa populacional do IBGE, para Goiânia, em 2005, poder-se-ia projetar uma população próxima de 771.319 habitantes; neste caso a margem de erro



seria de  $e = 2,3759$  (2%). A idade média foi de 30 anos e 01 mês (desvio padrão = 12 anos e 03 meses).

### 2.2.1 Resultados do Estudo 1

A Tabela 2 demonstra as incivildades no município de Goiânia referente ao estudo 1 e suas respectivas médias.

**Tabela 2. Médias das incivildades – Estudo 1**

<b>Incivildades</b>	<b>Média (<math>\mu</math>)</b>
Pessoas que sujam as ruas	2,52
Pessoas que usam drogas	2,48
Pessoas estranhas	2,32
Muros pichados ou janelas quebradas	2,13
Barulho nas ruas	2,04
Pessoas que destroem orelhões, muros (vandalismo)	1,95
As ruas estão sempre sujas	1,85
Lâmpadas quebradas	1,65
Pessoas mal educadas	1,62
As pessoas discutem na rua	1,55
Pessoas que discutem	1,51
Gangues que causam confusões	1,50
Confusões nos pontos de ônibus	1,48
Discussões entre motoristas, rixas por causa do trânsito	1,35
Pessoas racistas	1,20
<b>Média geral</b>	<b>2,00</b>

Com relação à classificação das incivildades em perturbações sociais e perturbações físicas há dez sociais e cinco físicas. As dez sociais são: pessoas mal educadas, que discutem, xingam, ou insultam as outras na rua, que usam drogas em lugares públicos, estranhos ou desconhecidos andando nas ruas do bairro; gangues que causam confusões, agredem pessoas, brigam e confusões nos pontos de ônibus, as pessoas são mal-

educadas, as pessoas discutem na rua discussões entre motoristas, rixas por causa do trânsito, e as pessoas são racistas, têm comportamentos racistas. Já as cinco físicas são pessoas que sujam as ruas, destroem ou danificam muros, janelas, postes, orelhões (vandalismo); as ruas estão sempre sujas; lâmpadas que são quebradas de propósito e excesso de barulho nas ruas.

Percebe-se que as incivildades mais significativas apontadas pelos pesquisados foram as das pessoas sujam as ruas ( $\mu= 2,52$ ), de usarem drogas em lugares públicos ( $\mu= 2,48$ ), de muitas pessoas estranhas ou desconhecidas andam nas ruas do bairro ( $\mu= 2,32$ ), a existência de muros pichados ou janelas quebradas e muito barulho nas ruas ( $\mu= 2,13$ ). E, os sujeitos apresentaram as incivildades nas quais há barulho nas ruas ( $\mu= 2,04$ ); pessoas que destroem ou danificam os muros, janelas, postes e orelhões – vandalismo – ( $\mu= 1,95$ ); como potencialmente significativas.

### **2.3 - Estudo 2**

Para definir a estratificação da amostra na cidade de Goiânia, foi utilizada no Estudo 2, realizado em 2008, a tipologia do Observatório das Metrôpoles construída a partir das Áreas de Expansão Domiciliar e a Classificação Brasileira de Ocupações do IBGE, bem como tabelas indicando a frequência das incivildades e suas respectivas análises em Goiânia dividido em áreas de expansão domiciliar (AEDs) do Tipo Superior (Marista, Sul, Oeste, Aeroporto, Bela Vista, Nova Suíça, Bueno, Coimbra e Setor Central de Goiânia.), Tipo Médio-Superior (Jardim América, Pedro Ludovico, Bairro Feliz e Leste Universitário), Tipo Médio

(Campinas/Marechal Rondon, Parque Amazônia, Sudoeste, Novo Horizonte), Tipo Popular (Baliza/Jardim Itaipu, Vila Pedroso, São Domingos) e Tipo Operário (Santo Hilário, Novo Mundo, Vera Cruz, Finsocial); foi realizado o survey de vitimização da pesquisa *Violência Urbana no Estado de Goiás*. E, para tal, foram aplicados cerca de 400 questionários por cada AED, totalizando 2029 pessoas pesquisadas a partir de 18 anos de idade.

Esta tipologia aqui referida apóia-se em Bourdieu (2001) e considera não só o capital econômico, como também o capital cultural e social, na definição dos tipos. Procura-se, assim, fugir das conhecidas dificuldades teóricas e metodológicas inerentes ao uso de sistemas de classificação baseados em apenas uma única escala, utilizando uma concepção multidimensional da estruturação do espaço social, que permite buscar a compreensão mais fina das eventuais diferenças de posições sociais de grupos ocupacionais. Tais eventos, ao invés de serem tomados como “casos desviantes”, são entendidos como expressão de múltiplas escalas de hierarquização do espaço social.

Tal concepção tornou-se possível pela utilização de outras variáveis, além da ocupação, na identificação das posições sociais que estruturam o espaço social da metrópole. Em outras palavras, este procedimento permitiu construir uma “topografia” do espaço social enquanto um mapa no qual as proximidades e distâncias entre as ocupações revelassem estruturas de propriedades similares ou diferentes. Tal orientação está ancorada na concepção de Bourdieu (2001), sobre a multiplicidade de dimensões que estruturam as classes sociais e as relações entre estas dimensões. Segundo o autor (2001),, uma classe ou uma fração de classe é definida

não apenas pela sua posição nas relações de produção tal como elas podem ser identificadas por meio de índices como a profissão, as rendas ou mesmo o nível de escolaridade, mas também por uma distribuição determinada no espaço geográfico (que não é jamais socialmente neutro) e por um conjunto de *características auxiliares* que, sob o título de exigências tácitas, podem funcionar como princípios de seleção ou de exclusão.

A aplicação do instrumento exigiu grande esforço, especialmente nos bairros residenciais de classe alta e média onde a vida social é fortemente privatizada e interiorizada. A suspeita sempre marcou as conversas dos pesquisados e, falar com os moradores desses bairros, implicou quase sempre passar por câmeras, interfones, portões eletrônicos, grades. Nos bairros populares, muitas vezes, o maior obstáculo foi o medo de represália demonstrado pelos entrevistados ao falar sobre dos episódios de violência e da presença do tráfico de drogas nesses espaços.

O questionário previamente elaborado e testado (Anexo 2) compõe-se de dezessete questões fechadas e uma aberta. A primeira parte consta de questões sócio-demográficas, tais como, idade, sexo, escolaridade, ocupação, seguidas de questões sobre o bairro e a vizinhança. A segunda parte aborda questões referentes à vitimização, as transformações das residências ou condomínios em função do medo da violência (aqui se busca explorar a presença dos aparatos de segurança nos bairros pesquisados), a representação do medo e da insegurança. Por fim, aparecem as questões referentes à lei e ordem, bem como, mídia e violência. A aplicação do questionário foi feita nos domicílios onde o entrevistador propunha as questões e as marcava de acordo com a resposta do entrevistado.

Os dados obtidos com a aplicação do questionário foram tabulados e processados com a utilização do programa de análise estatística SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). A análise consta essencialmente de cruzamentos de dados, cujo intuito é comparar as percepções dos entrevistados residentes nas diferentes áreas da cidade.

O projeto contou com financiamento da FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos). Além de Goiânia, a pesquisa quantitativa referida pautou-se na realização de um *survey* em mais 12 municípios goianos, a saber: Aparecida de Goiânia, Senador Canedo, Trindade, Anápolis, Luziânia, Formosa, Águas Lindas, Catalão, Rio Verde, Jataí, Chapadão do Céu e Posse. Ao todo foram aplicados 400 questionários em cada município apontado, exceto Goiânia onde foram aplicados 2.000 questionários (400 em cada um dos cinco tipos definidos para o município). Porém, para essa dissertação de Mestrado, foi feito um recorte das questões que enfocaram a percepção de violência, descrição de um lugar perigoso, incivildades e sentimento de insegurança somente do município de Goiânia. Tais questões encontram-se em anexo (Anexo 2).

### **2.3.1 - Resultados do Estudo 2**

A Tabela 3, referente ao Estudo 2, mostra as freqüências das incivildades, (como as incivildades são percebidas, variando de 1 a 3 – **1** Nunca acontece; **2** Acontece Raramente; **3** Acontece Frequentemente) nas áreas de expansão domiciliar (AEDs) pertencentes aos diferentes tipos

socioespaciais, no município de Goiânia, e nesta como um todo (com a união dos cinco tipos).

**Tabela 3. Médias das incivildades em Goiânia – Estudo 2**

<b>Incivildades</b>	Tipo Superior	Tipo Médio Superior	Tipo Médio	Tipo Operário	Tipo Popular	<b>Goiânia</b>
Pessoas que discutem	1,42	1,59	1,50	1,78	1,98	1,65
Pessoas estranhas	2,17	2,04	1,96	1,96	2,07	2,04
Pessoas que sujam as ruas	2,22	2,20	2,15	2,27	2,31	2,23
Lâmpadas quebradas	1,33	1,51	1,39	1,54	1,59	1,47
Pessoas mal educadas	1,50	1,63	1,49	1,70	1,75	1,61
Confusões nos pontos de ônibus	1,43	1,48	1,40	1,63	1,55	1,50
Pessoas que destroem orelhões, muros...	1,98	2,14	1,82	2,13	2,10	2,04
Pessoas que usam drogas	1,99	2,36	2,35	2,63	2,50	2,37
Gangues que causam confusões	1,32	1,54	1,40	1,52	1,59	1,47
Barulho nas ruas	1,89	1,83	1,93	1,96	2,11	1,95
<b>Média (<math>\mu</math>)</b>	<b>1,72</b>	<b>1,83</b>	<b>1,74</b>	<b>1,91</b>	<b>1,95</b>	<b>1,83</b>

Com relação à classificação das incivildades em perturbações sociais e perturbações físicas, tem-se seis sociais e quatro físicas. As seis sociais são: pessoas mal educadas, que discutem, xingam, ou insultam as outras na rua, que usam drogas em lugares públicos, estranhos ou desconhecidos andando nas ruas do bairro; gangues que causam confusões, agredem pessoas, brigam e confusões nos pontos de ônibus. Já as quatro físicas são

peessoas que sujaram as ruas, destroem ou danificam muros, janelas, postes, orelhões (vandalismo); lâmpadas que são quebradas de propósito e excesso de barulho nas ruas.

De acordo com a Tabela 3, percebe-se que o a incivilidade de usar drogas em lugares públicos é a mais percebida, mais freqüente, mais relevante pelos moradores de Goiânia, seguido das pessoas sujarem as ruas, pessoas que destroem ou danificam muros, janelas, postes, orelhões e pessoas estranhas ou desconhecidas que andam nos bairros. E, além dessas, o excesso de barulho é potencialmente significativo para os pesquisados.

Nas AEDs dos tipos Médio, Médio Superior, Operário e Popular, o uso de drogas em lugares públicos é o mais relevante; enquanto que no Tipo Superior foi a incivilidade das pessoas sujarem as ruas; demonstrada, também, como significativa nos demais Tipos.

Apesar das AEDs de Goiânia apresentarem, significativamente, o uso público de drogas pelas pessoas, há uma diferença em hierarquizar as incivildades em cada Tipo, porém, apresentam na mesma ordem de importância nos Tipos Médio Superior e Operário em relação as incivildades mais significativas.

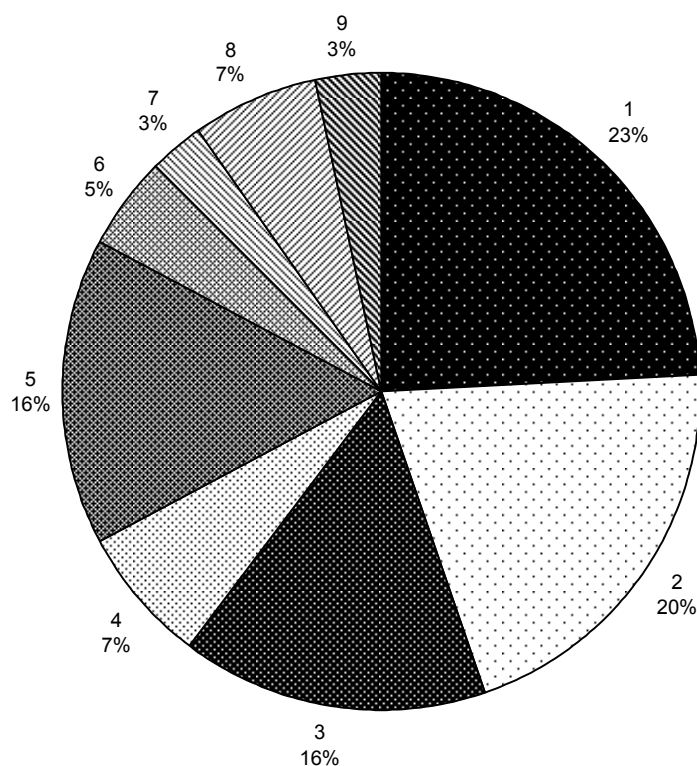
No Tipo Popular, o excesso de barulho nas ruas é uma incivilidade significativa, enquanto que nos outros Tipos são potencialmente relevantes. Além disso, é o único que percebe, potencialmente significativo, as pessoas xingarem e insultarem as outras nas ruas.

O Tipo Operário é o que mais percebe o uso público de drogas; já o que percebe que as pessoas sujaram freqüentemente as ruas é o tipo

Popular; o Tipo Superior, dentre os demais Tipos, é o que mais enfoca a questão de muitas pessoas desconhecidas andarem nos bairros; o fato das pessoas que danificam ou destroem o patrimônio público é mais percebido pelo Tipo Médio Superior e, por fim, o Tipo que mais percebe incivildades no município de Goiânia é o Popular, seguido pelo Operário, Médio Superior, Médio e, por último, o Superior.

No gráfico 1, é possível visualizar como os sujeitos pesquisados descreveram um lugar perigoso. Abaixo do gráfico, encontra-se sua análise.

**Gráfico 1 - Porcentagem da descrição de um lugar perigoso– Estudo 2**



- 1 Condições do local (infra-estrutura)
- 2 Presença de tráfico, usuários de droga
- 3 Presença de elementos suspeitos, perigosos, estranhos
- 4 Falta de policiamento
- 5 Onde há ocorrência de crimes e atos violentos
- 6 Locais de Lazer
- 7 Pobreza
- 8 Outros
- 9 Não sabe/Não responde



No processo de aplicação dos questionários, pediram-se aos sujeitos que descrevessem um lugar perigoso. As respostas com maior frequência indicaram que os lugares mais perigosos eram aqueles que possuíam infraestrutura ruim, cujas condições físicas eram indesejadas, inapropriadas, mal cuidadas (23%). Em segundo lugar, os sujeitos apontaram a presença de tráfico e usuários de drogas como lugares perigosos (20%). Em seguida, onde ocorriam crimes e atos violentos, foram descritos pelos pesquisados como um lugar perigoso (16%), juntamente com a presença de sujeitos suspeitos, perigosos e estranhos (16%).

Como apontado anteriormente, essa informação – dos sujeitos pesquisados descreverem um lugar perigoso com as respectivas frequências apontadas acima – reforça a hipótese de que as pessoas se sentem inseguras em lugares onde há a presença de incivildades físicas (lugares sujos e/ou danificados) e sociais (como a presença de pessoas que usam drogas em público) sem esses lugares, necessariamente, representar um lugar perigoso de fato, no qual ocorreu atos de violência (como furtos, roubos, assaltos, assassinatos, etc.).

Quando utilizou-se do recurso da somatória da correlação entre incivildades, percepção de violência e sentimento de insegurança, percebe-se que a correlação entre incivildades e percepção de violência possui uma correlação muito forte, uma vez que utilizado o *software* SPSS, nas ciências humanas, tem-se que para escalas ordinais (não paramétricas) a seguinte referência (Dancey & Reidy, 2008): o coeficiente de correlação é considerado forte caso dê um valor acima de 0,4. E, no caso de das incivildades e percepção de violência, deu 0,668; sugerindo que, neste caso

há uma correlação muito relevante entre esses elementos, presentes na Tabela 4.

**Tabela 4. Correlação do Somatório das Incivildades, Percepção de Violência e Sentimento de Insegurança – Estudo 2**

<b>Variáveis correlacionadas</b>	<b>Incivildades</b>	<b>Percepção de Violência</b>	<b>Sentimento de insegurança</b>
<b>Incivildades</b>	-	<b>0,668</b>	0,248
<b>Percepção de Violência</b>	<b>0,668</b>	-	0,254
<b>Sentimento de insegurança</b>	0,248	0,254	-

Percebeu-se, a partir a da análise feita com o programa SPSS, que a há correlação significativa entre os itens que investigaram a percepção de violência com o item sobre o sentimento de insegurança, cujos resultados estão disponíveis na Tabela 5. Porém, tal correlação, apesar de significativa, mostrou porcentagem baixa, sugerindo que os itens possuem correlação tendencial. Ou seja, há certa tendência entre os itens permitindo correlação, mesmo que não seja muito forte. Assim, os moradores de Goiânia têm medo de circular em determinados bairros a noite, principalmente se esses bairros ocorrem furtos (0,235), roubo em residência (0,217) e assassinato (0,161).

**Tabela 5. Correlação Percepção de Violência e Sentimento de insegurança – Estudo 2**

<b>Percepção de Violência</b>	<b>Sentimento de insegurança</b>
Furtos	<b>0,235</b>
Roubo em residência	0,217
Estupro	0,161
Assaltos	0,164
Assassinato	0,167
Roubo seguido de morte	0,143
Roubo de veículos	0,124
Tráfico de drogas	0,149
Roubo no comércio local	0,157
Adulto agride criança	0,070
Seqüestro e pedir resgate	0,052
Agressão deixando lesões	0,114
Agressão contra mulheres	0,123

Já na correlação entre Incivildades e sentimento de insegurança (Tabela 6), os goianeses se sentem mais inseguros circulando nas ruas sozinhos a noite se nos bairros onde estão pessoas que discutem, xingam, ou insultam as outras (0,158); pessoas que destroem ou danificam muros, janelas, postes, orelhões (0,156) e gangues que causam confusões, agredem pessoas, brigam (0,150).

**Tabela 6. Correlação entre Incivildades e Sentimento de insegurança – Estudo 2**

<b>Incivildades</b>	<b>Sentimento de insegurança</b>
Pessoas que discutem	<b>0,158</b>
Pessoas estranhas	0,146
Pessoas que sujam as ruas	0,132
Lâmpadas quebradas	0,090
Pessoas mal educadas	0,122
Confusões nos pontos de ônibus	0,117
Pessoas que destroem orelhões, muros...	<b>0,156</b>
Pessoas que usam drogas	<b>0,150</b>
Gangues que causam confusões	<b>0,150</b>
Barulho nas ruas	0,143

E, ainda analisando as correlações, nota-se que tiveram algumas mais fortes comparando as demais realizadas no Estudo 2, quando analisou-se a correlação entre incivildades e percepção de violência (Anexo 4). Dessa maneira, observou-se que os únicos item que apresentaram forte correlação foram a incivildade de usar drogas em publico com a percepção de violência de violência, tráfico de drogas (0,553). As demais foram tendencialmente relevantes, tais como: pessoas que discutem, xingam, ou insultam as outras na rua possui correlação com o item uma pessoa que agride outra, causando lesões corporais (0,363) e; gangues que causam confusões, agriem pessoas, brigam possui um coeficiente de correlação de 0,352 com o item uma pessoa que agride outra, causando lesões corporais.

#### **2.4 - Estudo 3**

Por fim, em uma pesquisa, em 2009, no contexto escolar, foram pesquisados 608 sujeitos (estudantes adolescentes entre 15 e 19 anos, de ambos os sexos), em seis escolas estaduais localizadas em regiões distintas do município de Goiânia e 43 professores (com mais de 24 anos, de ambos os sexos) de três dessas seis escolas que foram apontadas como sendo as mais violentas pelo departamento de inspeção escolar da Subsecretaria Metropolitana de Educação de Goiânia, a partir da quantidade de incidentes registrados e relatórios de visitas.

A escolha por escolas oficialmente reconhecidas como violentas aconteceu em função de estudos anteriores (Campos & Guimarães, 2003) que revelaram o não reconhecimento, por parte dos alunos, da própria escola como sendo violenta, apesar dos relatos de vários episódios de

violência ali ocorridos. Estes estudos nos sugerem duas hipóteses: as escolas pesquisadas realmente não eram violentas ou estas escolas eram violentas, porém, não eram reconhecidas enquanto tais em função da banalização da violência. Essa banalização permitiria uma assimilação da violência ao cotidiano, favorecendo seu não-reconhecimento. Assim, buscou-se pesquisar escolas reconhecidas pelas autoridades educacionais como 'comprovadamente' violentas, de modo a verificar esse aspecto da banalização da violência.

#### 2.4.1 - Resultados do Estudo 3

O questionário, diferentemente das pesquisas anteriores, além de apontar incivildades diferentes em quantidade e em qualidade, possui uma escala de 7 pontos distintos, no qual o número 1 da escala representa a incivildade como se ela nunca acontecesse na escola investigada, o número 4, o aluno não sabia dizer e o número 7 tal incivildade acontecia muito freqüentemente (Anexo 3).

**Tabela 7. Médias das incivildades apontadas pelos adolescentes de Goiânia no contexto escolar- Estudo 3**

<b>Incivildades</b>	<b>Média (<math>\mu</math>)</b>
Porte de Faca	5,55
Gangues	5,03
Arma	4,92
Perseguição	4,18
Professor Insulta Aluno	3,89
Humilhação	3,85
Pegar material sem permissão	3,55
Vandalismo	2,75
Insulto	2,42
Drogas	2,17
<b>Média geral</b>	<b>3,83</b>

Percebe-se que o item que refere ao Porte de Faca é o que possui maior média ( $\mu= 5,5$ ), seguido por Gangues ( $\mu= 5,03$ ), indicando os elementos que acontecem mais freqüentemente nas escolas. Os menos significativos, ou que acontecem com menos ou menor freqüência de acordo com os alunos pesquisados são: Vandalismo ( $\mu= 2,75$ ), Insulto ( $\mu= 2,42$ ) e Drogas ( $\mu= 2,17$ ).

Na Tabela 8 pode-se perceber as incivildades e suas respectivas médias apontadas pelos professores.

**Tabela 8. Médias das incivildades apontadas pelos professores**

<b>Incivildades</b>	<b>Média (<math>\mu</math>)</b>
Porte de Faca	5,60
Gangues	4,95
Arma	3,58
Perseguição	3,23
Professor Insulta Aluno	3,00
Humilhação	2,81
Pegar material sem permissão	2,53
Vandalismo	2,51
Insulto	1,81
Drogas	1,56
<b>Média geral</b>	<b>3,15</b>

**no contexto escolar – Estudo 3**

Assim como presente nas médias das incivildades dos estudantes adolescentes, o item que refere ao Porte de Faca é o que possui maior média ( $\mu= 5,6$ ), seguido por Gangues ( $\mu= 5,03$ ), indicando os elementos que acontecem mais freqüentemente nas escolas, de acordo com os

professores. Os menos significativos, ou que acontecem com menos ou menor frequência são: Vandalismo ( $\mu= 2,51$ ), Insulto ( $\mu= 1,81$ ) e Drogas ( $\mu= 1,56$ ); idêntico aos dados dos estudantes: apesar dos valores serem diferentes, as três últimas incivildades estão na mesma ordem de importância para os dois grupos (de estudantes e professores).

A representação de violência nas escolas, por sua vez, foi colhida por meio de uma “questão de evocação”, baseadas no método chamado de *Análise das Evocações* (Campos, 1998; Vergès, 1992, 1994, 1995; Sá, 1996), cujo fundamento é a associação livre, a partir de uma palavra indutora. Neste caso, a expressão indutora foi: “violência nas escolas”, como especificado abaixo:

1) Quais são as palavras ou expressões que vêm à sua cabeça quando você escuta a expressão “VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS”? Dê, no mínimo, 3 respostas.

Na chamada “análise das evocações”, são considerados inicialmente dois critérios, a frequência de evocação e a chamada ordem média de evocação (ou ordem média de aparecimento). Em uma tabela, chamada, “Tabela das quatro casas”, são apresentados os resultados em termos das palavras ou expressões produzidas pelos sujeitos, tais quais os sujeitos as produziram. No quadro superior e à esquerda, encontram-se as evocações mais frequentes e que aparecem, em média, nas primeiras posições, quadrante onde aparecem os supostos elementos centrais. As palavras que aparecem neste quadrante são chamadas de “**palavras salientes**” no sentido de palavras que se destacam; nos quadrantes inferior esquerdo e superior direito, aparecem os elementos chamados de elementos de “**primeira periferia**”, que apresentam

ou alta freqüência associada a uma ordem média de aparecimento nas ultimas posições (superior direita) ou baixa freqüência associada a uma ordem média de aparecimento média nas primeiras posições (esquerdo inferior). Finalmente, no quadrante inferior direito, aparecem os elementos tipicamente periféricos, ou seja, de baixa freqüência e sempre evocados nas ultimas posições.

**Quadro 1 - Análise das evocações, 2009**

<b>Zona dos Elementos Centrais</b>	<b>Segunda Periferia (alta freqüência e alta ordem)</b>
<b>Primeira Periferia (Baixa freqüência e baixa ordem)</b>	<b>Elementos Periféricos</b>

Assim, consta no quadro 2, as evocações que retratam a representação social da violência nas escolas dos estudantes adolescentes.

**Quadro 2. Questão de Evocação, Representação Social da Violência nas escolas em Estudantes Adolescentes – Estudo 3**

	<b>1</b>	<b>8</b>
<b>F 356</b>	<b>356</b> Brigas  <b>302</b> Drogas  <b>209</b> Arma-de-fogo	<b>171</b> Desrespeito



<b>63</b>	<b>193</b> Morte	<b>87</b> Vandalismo
	<b>63</b> Agressões	
<b>18</b>	<b>55</b> Falta-de-educação	<b>52</b> Roubos
	<b>36</b> Confusão <b>30</b> Gangues	<b>52</b> Medo
	<b>22</b> Insegurança <b>20</b> Sangue <b>19</b> Tráfico <b>18</b> Agressão-verbal	<b>45</b> Racismo <b>36</b> Desordem <b>36</b> Desentendimentos <b>30</b> Insultos
		<b>25</b> Estupro <b>24</b> Humilhação

De acordo com as evocações dos estudantes adolescentes presentes no primeiro quadrante superior esquerdo (quadrante das evocações mais freqüentes no qual aparecem os supostos elementos centrais) a palavra que mais representou o fenômeno violência nas escolas foi brigas (356), seguido de drogas (302) arma de fogo (209), morte (193) e agressões (63). Dessa forma, é possível notar que todas as palavras representam o fenômeno da violência (Abramovay & Rua, 2002; Santos, 2002, 2004; Campos, Torres & Guimarães, 2004; Cotta, 2005).

Repare que roubos (52), medo (52), racismo (45), desordem (36), desentendimentos (36), insultos (30), estupro (25) e humilhação (24) constituem os elementos periféricos, presentes no quadrante direito inferior. Com exceção de roubos (52) e estupro (25), todos os demais elementos são incivildades.

O Quadro 3, por sua vez, demonstra as respostas que os professores deram na análise do mesmo fenômeno.

**Quadro 3. Questão de Evocação, Representação Social da Violência nas escolas em Professores, 2009 – Estudo 3**

		<b>8</b>	
<b>F 29</b>		<b>29</b> Agressão-física <b>22</b> Desrespeito <b>18</b> Falta-de-educação <b>17</b> Problemas-familiares  <b>14</b> falta-de-policciamento	   <b>15</b> Insultos   <b>12</b> Brigas
<b>12</b>			
		  <b>08</b> Falta-de-limites  <b>06</b> Alunos <b>05</b> Preconceito	   <b>08</b> Vandalismo <b>07</b> Desinteresse <b>06</b> Intolerância <b>05</b> Medo
<b>05</b>			

Em ordem de importância (Quadro 3) e das maiores frequências para as menores presentes no quadrante dos elementos centrais, os professores representaram o fenômeno violência nas escolas como: agressão-física (29), desrespeito (22), falta de educação (18), problemas familiares (17) e falta de policiamento (14). Já os elementos periféricos, foram vandalismo (8), desinteresse (7), intolerância (6) e medo (5) que também, assim como na representação social do fenômeno violência nas escolas realizada pelos estudantes adolescentes, são incivildades, com exceção do item medo (5).

## **Capítulo 3 - Discussão dos Resultados, Reflexões e Sugestões**

### **3.1 - Incivildades presentes nos Estudos 1, 2 e 3**

Goiânia, então, de acordo com o Estudo 1, realizado em 2007, apresenta uma incivildade de perturbação física, das pessoas sujarem as ruas como a mais freqüente, seguida de uma perturbação social, que é o uso de drogas em lugares públicos e, as mesmas incivildades, em ordem inversa, no Estudo 2, realizado em 2008.

Segundo Valério, (2006); Spelman, (2004); Robinson & Cols, (2003), existem indícios de que as incivildades sociais provocam mais reações do que as físicas, no entanto deve-se considerar o contexto no qual cada comunidade se insere. No caso de Goiânia, percebe-se que a incivildade de perturbação social está presente em todas as regiões como a mais freqüente, com exceção do Tipo Superior, no Estudo 2, mas que se encontra, também, como significativa; permitindo dizer que o fato das pessoas utilizarem drogas em lugares público e perceberem estranhos ou desconhecidos andando nas ruas (incivildades sociais mais significativas pelos moradores de Goiânia nos Estudos 1 e 2), provocam mais reações nas pessoas.

Isso sugere uma reflexão sobre a juventude goianiense e ao significativo uso de drogas por parte destes em lugares públicos; fazendo questionar sua formação como cidadão, sua educação e demais aspectos civilizatórios que constituem uma qualidade de vida que envolva os jovens de tal maneira que possa evitar ou diminuir o consumo, a comercialização

de drogas, direcionando-os para importância de outras atividades que fomentam os laços comunitários, do bom convívio com as pessoas.

Porém, tal incivilidade de perturbação social, de usar drogas em público, tanto para os estudantes quanto para os professores foram as incivildades menos relevantes dentre as demais incivildades investigadas no Estudo 3. Ambos os participantes do contexto escolar, apontaram as incivildades de porte de facas e arma (de fogo) e presença de gangues como mais freqüentes. Isso sugere que, de acordo com as escolas pesquisadas e os dados obtidos dos moradores do município de Goiânia nos estudos 1 e 2, a utilização de drogas pertencem ao ambiente externo às escolas, que estão presentes nas ruas e, como não foram apontadas como muito freqüente pelos pesquisados do Estudo 3, o consumo de drogas é irrelevante dentro das escolas se comparado com outras incivildades.

De acordo com Debarbieux (1996; 2001), as escolas pesquisadas, no entanto, têm o potencial de desenvolver episódios violentos devido às incivildades de porte de faca e arma e presença de gangues; pois o fato de estudantes estarem armados somado à presença de gangues, pode sugerir o desenvolvimento de um ambiente propício da violência propriamente dita, em forma de brigas e assassinatos. Ou seja, tais incivildades (portar armas e presença de gangues) podem deixar de serem categorizadas como tal (incivildades), se transformando em violência. Diferentemente das incivildades mais significativas apontados pelos moradores de Goiânia nos Estudos 1 e 2, de usarem drogas em público, que sugerem um certo desconforto que ameaçam a convivência entre as pessoas sem, necessariamente, comprometerem sua integridade física (lesões corporais

ou morte); não tornando-se, dessa forma, em atos violentos, parecendo, assim, diminuir a chance de se tornar um ato violento em comparação às outras incivildades presentes no Estudo 3 (arma e gangues).

Já a incivilidade física das pessoas sujarem as ruas ou terem as ruas da região sujas com alta frequência e/ou pessoas que destroem ou danificam muros, janelas, postes, orelhões (vandalismo) no bairro compromete a atuação do Estado de estar presente em todos os bairros do município de Goiânia e demonstrando sua ineficaz atuação como mantenedora da limpeza, da segurança, bem estar e qualidade de vida que é direito de todos os habitantes sem distinção de classe ou condições socioeconômicas.

A ausência de um investimento em educação ambiental no programa estudado transforma-o em apenas mais um instrumento de dominação, a serviço da classe dominante. Um investimento em educação ambiental junto à população contribuiria para desenvolver a consciência da responsabilidade de todos para com o ambiente, pressionar o poder público quanto às suas responsabilidades para com o ambiente e as condições de vida da comunidade, favoreceria o trabalho dos agentes tanto no aspecto relacionado ao aumento de renda quanto ao respeito pelo trabalho dessas pessoas.

O poder público, dentre suas atribuições, deve identificar as situações em que condições ambientais possam estar prejudicando o meio ambiente e a saúde da população, bem como trabalhar junto aos outros segmentos sociais no sentido de, estabelecendo parcerias, solucionar essas situações. A problemática dos resíduos sólidos, tendo a coleta seletiva como uma de

suas estratégias de minimização dos problemas causados pelo destino inadequado de resíduos, é uma das situações em que as Universidades poderia colaborar com apoio técnico, vindo a contribuir para o enriquecimento das ações dos programas pesquisados, tendo em vista a maximização dos benefícios que podem advir desse investimento.

Acredita-se que o elemento mais importante, no momento, seria investir em educação ambiental como forma de desencadear a consolidação da consciência ambiental e de participação cidadã que tornaria os resultados dos Programas mais consistentes nesse sentido, pois principal responsável pela manutenção e reprodução de tal educação são as próprias pessoas. O governo não possui autonomia única e exclusiva de manter o espaço público em ordem. As pessoas também possuem grande parcela de responsabilidade de manter tal ordem. Ambos têm o poder de promover melhorias significativas.

Porém, acredita-se, ainda, que sem mudanças estruturais no nosso modelo político-econômico, as desigualdades se perpetuam, pois são inerentes ao mesmo. Apesar disso, uma sociedade mais organizada, ciente de seus direitos e deveres enquanto cidadãos têm mais capacidade de assumir sua própria transformação, fazendo frente ao modelo de sociedade pautada na desigualdade, na injustiça, no consumo e na acumulação. A coleta seletiva consiste em uma situação que pode favorecer a construção de uma cidadania efetiva.

Independentemente de qual causa mais reação nas pessoas (incivilidades de perturbação física ou social), um dos efeitos da proliferação e da repetição dos atos de incivilidades é a instauração de um sentimento

de abandono do espaço público e de impunidade (Debarbieux, 2002; Santos 1999; 2004; Wieviorka, 2004) assim como os moradores de Goiânia apontaram, tanto na pesquisa de 2008 tanto na de 2007, ao perceber as incivildades de perturbações físicas e sociais.

Ao mesmo tempo, as vítimas de incivildades sentem-se desprotegidas, estimulando a falta de confiança nas instituições e a ausência do sentimento de cidadania, o que pode levá-las a deserdar de espaços coletivos. A proliferação de incivildades também pode ser a porta de entrada para violências mais duras, assim como foi apresentado na pesquisa no contexto escolar que, diferentemente das pesquisas realizadas em 2008 e 2007 sobre incivildades no município de Goiânia, mostra incivildades que se aproximam mais da violência em si (Abramovay & Rua, 2002). Quiçá seja essa uma das razões que legitimam tantos goianienses de certa classe econômica e social a morar em condomínios fechados; pois nestes espaços eles têm o que deveria ser garantido pelo Estado mas não acontece; como de não ver as ruas sujas ou pessoas sujando as ruas, muros pichados, janelas quebradas, pessoas usando drogas em público sem a devida punição, dentre outras incivildades.

O clima de insegurança, medo e vulnerabilidade gerado pela idéia de que não se sabe mais quem é quem, e de que não se pode mais confiar em ninguém, tem levado um crescente número de pessoas a resolver o problema da violência por meio de soluções privadas, contribuindo para o fortalecimento de práticas individualistas e de autoproteção, que a longo prazo não resolvem o problema, mas tendem a agravá-lo. Entende-se que, ao alimentarmos o imaginário social com esta ameaça permanente do

fantasma da violência, estará favorecendo cada vez mais a redução dos espaços de convivência e, portanto, dos espaços onde se podem construir e reforçar os laços de solidariedade e fraternidade.

Certamente as crises econômicas favorecem o crescimento de frustrações, cuja exacerbação pode facilmente ocasionar incivildades, comportamentos públicos que não são criminalizados e que não estão na alçada da repressão do Estado (Roché, 2002) e, em consequência cria condições para furtos, roubos e agressões. Isso obriga a levar a sério as pequenas desordens (Cotta, 2005).

Face às incivildades percebidas em Goiânia, pode-se acrescentar que há o risco de se constituírem áreas sem lei ou terra de ninguém, *no man's land* no dizer de Philippe Cohen (1999); no qual as pessoas acabam perdendo a referência de comunidade e do próprio bairro onde vivem, considerando que aquele espaço não pertence a elas mesmas e nem a ninguém, justificando assim a falta de cuidado para com tal espaço, deixando imperar o desleixo, a sujeira, o abandono, o medo; ou pior ainda, territórios dominados por bandos organizados, onde a polícia tem dificuldade em entrar.

O consumo de drogas, cuja freqüência vem aumentando ao longo do tempo pelo fato de não ser considerado mais como crime, encontra-se não somente bastante documentado (Cotta, 2005); mas também confirmado a partir das percepções dos goianienses nesta pesquisa. Se perante o cometimento de uma incivildade ninguém contesta, não há antagonismo sobre uma regra social nem tampouco denúncia da infração à norma, mas



apenas indiferença face às suas conseqüências negativas (Abramovay & Rua, 2002; Cotta, 2005).

### **3.2 - Relação entre Incivildades e Lugares Perigosos**

No Estudo 2 foi investigado a opinião dos moradores sobre lugares perigosos. As respostas, além de retratarem tais lugares perigosos baseados em comportamentos ou características essencialmente violentas, os moradores o fizeram a partir de incivildades. Assim, os itens com maior porcentagem (com exceção do item: onde ocorriam crimes e atos violentos, com 16%), todos os demais descreveram um lugar perigoso baseado em incivildades, como condições físicas indesejadas, inapropriadas, mal cuidadas (23%), presença de tráfico e usuários de drogas (20%) e sujeitos suspeitos, perigosos e estranhos (16%). Assim, tais resultados reforçam a hipótese que as pessoas consideram um lugar como perigoso na presença das incivildades (Valério, 2006; Spelman, 2004; Debabieux, 1996; 2001).

### **3.3 - Correlação entre Incivildade e Percepção de Violência**

Foi analisado, no Estudo 2, a somatória da correlação entre essas duas variáveis, tendo o coeficiente de correlação igual a 0,668. Valor esse que, segundo Dancey e Reidy (2008) é considerado forte, pois está acima de 0,4. E, no caso das incivildades e percepção de violência deu 0,668;

sugerindo que, neste caso há uma correlação muito relevante entre esses elementos.

Essa forte correlação acaba por revelar o que Debabieux (1996; 2001) argumentou sobre a dificuldade de se precisar o fenômeno das incivildades. Às vezes será difícil de distingui-los dos atos violentos; existindo uma linha muito tênue entre elas. Todavia, o autor (1996; 2001) acrescenta dizendo que o termo incivildade, diferentemente da violência, refere-se às freqüentes erupções de desordem, àquelas manifestações de difícil identificação, mescladas no cotidiano das pessoas sendo compreendidas como as transgressões no cotidiano, propiciando quebras de convívio em harmonia que sinalizam uma ruptura com as normas e valores sociais convencionais.

### **3.4 - Correlação Incivildade e Sentimento de Insegurança**

Quando foi feita a técnica estatística de somatória no Estudo 2, percebe-se que o coeficiente de correlação entre incivildades e sentimento de insegurança é igual a 0,248; considerado potencialmente significativo ou de correlação fraca / moderada (Dancey & Reidy, 2008), não confirmando, a hipótese de há uma relação entre elas.

Tal relação, provavelmente, não foi possível de ser observada ou confirmada devido ao próprio instrumento de pesquisa (questionário) que limitava as questões em três níveis: 1 Nunca acontece; 2 Acontece Raramente; 3 Acontece Freqüentemente. Quiçá se ampliasse a escala para mais possibilidades (cinco ou mais pontos), pudesse observar melhor o

fenômeno e perceber sua relação. Assim, a partir desse estudo, com tal instrumento, não foi possível observar, de forma significativa a relação entre incivildades e sentimento de insegurança. Outra possibilidade de interpretação é a própria questão de sentimento de insegurança (Anexo 2, questão F). Talvez ela não representou uma questão relevante para avaliar o sentimento de insegurança dos moradores de Goiânia para possibilitar relacioná-la com as incivildades. Seria reavaliar sua qualidade e efeito e, se necessário, construir outras questões que explorem melhor o fenômeno de insegurança.

Quando os itens de incivildades foram correlacionados individualmente com a variável correspondente a questão de sentimento de insegurança, percebe-se, também uma fraca correlação entre elas (Tabela 6) apesar do *software* (SPSS) acusar o nível de significância ser relevante (0,05 para ciências humanas), e o maior coeficiente de correlação observado teve o valor de 0,158, referente à incivildade pessoas que discutem. Porém, percebeu-se que os itens foram acusados pelo programa como significativos (apesar de fraca correlação), de acordo com Dancey e Reidy (2008), pelo fato da amostra ser muito grande / representativa (2029 participantes).

Entretanto, a relação das incivildades com o medo e a insegurança é um fato segundo vários autores (Abramovay & Rua, 2002; Santos, 2002, 2004; Campos, Torres & Guimarães, 2004; Cotta, 2005). Ao tomar por pressuposto que as incivildades, ao gerar um clima de mal-estar social, favorecem a insegurança, torna-se necessário e urgente implementar ações para reduzi-las.

### **3.5 - Correlação entre Percepção de Violência e Sentimento de Insegurança**

Novamente aconteceu a mesma falha citada no texto acima, possivelmente pelo mesmo problema detectado no instrumento. A correlação entre percepção de violência e sentimento de insegurança foi fraca. O item que possuiu o maior valor foi a percepção de violência denominada furto, com o coeficiente de correlação igual a 0,235. Indicando, assim, uma correlação não significativa entre as variáveis.

### **3.6 - Evocações dos Estudantes Adolescentes e Professores no Estudo**

#### **3**

Nota-se que houve representação do fenômeno violência nas escolas tanto por parte dos estudantes ao retratarem tal fenômeno como briga, drogas, arma de fogo, morte e agressões; quanto os professores que retrataram com as palavras: agressão-física, desrespeito, falta de educação, problemas familiares e falta de policiamento.

É interessante observar que a maioria dos elemento periféricos são incivildades; possibilitando, novamente, a relação e/ou justificativa de estudar as incivildades no contexto da violência urbana, seja dentro ou fora das escolas conforme já discutido acima (Valério, 2006; Cotta, 2005; Spelman, 2004; Debabieux, 1996; 2001) .

Para melhor entender esse processo, Campos e Guimarães (2003) argumentam que as representações são conjuntos de elementos organizados e estruturados. Abric (1976, 1984, 1987, 1994) e Flament (1987, 1989, 1994) desenvolveram a Teoria do Núcleo Central que possui um sistema duplo compostos de dois elementos básicos: o central, que (subconjunto de elementos em torno do qual as representações são organizadas, vinculado às condições históricas, culturais, sociais e ideológicas) e o periférico (é mais individualizada e integra as experiências cotidianas e histórias individuais). Assim, pode-se inferir que teve-se como elementos centrais aqueles que caracterizam, em sua maioria, elementos que representaram as violências na escola pelos estudantes e professores e, os mesmo, tiveram, individualmente, em seus respectivos cotidianos, contextos e experiências um contato com as incivildades, integrando-as ao contexto da violência, mesmo como elementos periféricos.

Assim, percebe-se que ao descrever tal fenômeno cada um atribui características que, compartilhada, ganhou força e deu forma ao fenômeno. Trata-se de teorias sociais práticas sobre objetos relevantes na vida dos grupos (Vala, 1996; Morin, 1990; Jodelet, 1989, 1991, 2001).

Diante de sujeitos que reconhecem sua escolas enquanto um espaço que reproduz a violência, Mejia (2008) sugere algumas alternativas e soluções para tal na qual se criam condições para a formação cultural e científica para a vida pessoal, profissional e cidadã, possibilitando uma relação autônoma, crítica e construtiva com a cultura em vários contextos e conhecimentos humanos que pode lidar de forma participativa e ética em todas as instâncias da vida social contemporânea. E, ainda saber interagir

às exigências postas pela sociedade constituída de diversos recursos de comunicação, informática e globalizada: maior competência reflexiva, interação crítica com as mídias e multimídias, conjugação da escola com outros universos culturais, conhecimento e uso da informática, formação continuada (aprender a aprender), capacidade de diálogo e comunicação com os outros, reconhecimento das diferenças, solidariedade, qualidade de vida e preservação ambiental.

#### **Capítulo 4 - Conclusão**

Os objetivos do trabalho foram alcançados: foi possível verificar a relação entre incivilidade e sentimento de insegurança, porém não de forma significativa. Provavelmente o instrumento do Estudo 2 não foi favorável tanto na questão que diz respeito às incivildades quanto à questão de

sentimento de insegurança, possibilitando a correlação de forma relevante. Nos demais Estudos, observa-se que a população de Goiânia reconhece as incivildades como constituinte de seu cotidiano, enfocando as incivildades de sujar as ruas e usar drogas em público com as mais freqüentes e, no contexto escolar, tanto professores quanto estudantes reconhecem as escolas estudadas como um ambiente violento, destacando incivildades que sugerem um ambiente propício para o desenvolvimento de atos violentos.

Dessa maneira, acredita-se que o contato do sujeito com novas pessoas e novas experiências possibilita-lhe confrontar sua representação de mundo e questionar os sentidos e significados construídos sobre a realidade que o cerca e sobre si-mesmo. Em outras palavras, situações e eventos que ocorrem de forma mais próxima e acessível ao sujeito e com os quais ele pode ter contato direto, bem como o contato com outras pessoas, amigos, conhecidos ou mesmo grupos sociais mais amplos, lhe possibilitam a construção de interpretações próprias e diferenciadas das produzidas pelas instituições sociais. Reforçar os espaços públicos de convivência torna-se uma alternativa necessária a fim de reverter o panorama de banalização e mitificação da violência.

Sugere-se uma política de segurança baseada em medidas de prevenção e repressão da delinqüência, em termos clássicos e tradicionais, não substitui uma política social na qual seja possível a análise da insegurança a partir das pequenas desordens ou incivildades, principalmente ao uso de drogas em público, pessoas que sujam as ruas, pessoas estranhas circulando pelos bairros e pessoas que destroem ou danificam o patrimônio público, criando condições de ter consciência em

evidenciar alguns fatores sobre os quais se podem agir rapidamente, de modo a fazer baixar o sentimento de insegurança causado pelas incivildades. Para as polícias, não se trata tanto de explicar porque são impotentes em face de determinadas situações, mas, antes, sugerir como podem ser mais eficazes e, juntamente com uma formação educacional que forme para a cidadania. Possibilitando, assim, a existência de ser instituída uma concepção de segurança cidadã, que possa integrar a participação social tendo como finalidade o resgate dos espaços urbanos fomentando a cidadania (Santos , 2004).

## REFERÊNCIAS

- Abramovay, M. & Rua, M. das G. (2002). *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO.
- Abric, J. C. (org.) (2001). *Prácticas sociales e representaciones*. México: Ediciones Coyacón.



- Abric, J. C. (1998). *A abordagem estrutural das representações sociais*. Em A. S. P. Moreira & D.C. Oliveira (orgs.) *Estudos Interdisciplinares de Representação Social*. (p. 27-38) Goiânia-GO: AB Editora.
- Abric, J. C. (1994). *Les représentations sociales: Aspect théorique*. In J. C. Abric (Ed.). *Pratiques sociales et représentations*. Paris: Presses Universitaire de France.
- Abric, J. C. (1989), "L'étude expérimentale des représentations sociales" in Jodelet, D., *Les représentations sociales*, Paris, PUF, pp. 187-203.
- Abric, J. C. (1987). *Coperation, competition et representation sociale*. Cousset: Del Val.
- Abric, J. C. (1984). *A theoretical and experimental approach to the study of social representations in a situation of interaction*. In R. Farr & S. Moscovici (Eds.). *Social Representations* (pp. 169-183). Cambridge: University Press.
- Abric, J. (1976). *Jeux, Conflits et représentations sociales*, Thèse de doctorat, Université de Pronvence, Aix-en-Provence.
- Adorno, S. (1994). *Violência, um retrato em branco e preto*. In: Idéias. São Paulo:FDE, nº 21. Bannister, J. & Fyfe, N. (2001). Introduction: Fear and City. *Urban Studies*, 38(5-8), 807-813.
- Bannister, J. & Fyfe, N. (2001). *Fear and the City*. *Urban Studies*. 38 (5-6) 807-813.
- Bourdieu, P. (2001). *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand.
- Campos, P. H. F.; Torres, A. R. R. & Guimarães, S. P. (2004). *Sistemas de representação e mediação simbólica da violência na escola*. *Educação e Cultura Contemporânea*. 1(2), 109-132.
- Campos, P. H. F. & Guimarães, S. P. (2003). *Representações de violência na escola: elementos de gestão simbólica da violência contra adolescentes*. *III Jornada Internacional e I Conferência Brasileira sobre Representações Sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Campos, P. H. F. (1998) *As representações sociais de "meninos de rua": proximidade do objeto e diferenças estruturais*. In: Oliveira, D.C. e Moreira, A.P. (Orgs) *Estudos interdisciplinares em representação social*. Goiânia: AB Editora, p.271-283.
- Cardia, N. (1997) *A violência urbana e a escola*. *Contemp. Educ.*, 2(2), p.26-99.

- Cardoso Filho, J. E. P. (2002). *Civilidade E Violência: Uma Reflexão Conceitual A Partir De Norbert Elias*. *Política & Trabalho*. 18 (1), 55-67.
- Censo (2000). Recuperado em 01 de dezembro de 2006: [http://www.ibge.gov.br/censo/divulgacao\\_impreso.shtm](http://www.ibge.gov.br/censo/divulgacao_impreso.shtm)
- Cohen, P. (1999). *Protéger ou Disparaitre*. Paris: Gallimard. Contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*. 19(1), 53-84.
- Cotta, F. A. (2005). *A crise da modernidade e a insegurança social*. Jus Navigandi, Teresina, ano 10, n. 855, 5 nov. 2005. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7461>>. Acesso em: 02 abr.
- Cunha, A. G. (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: ova Fronteira.
- Dancey, C. P. & Reidy, J. (2008). *Estatística sem matemática para psicologia: usando o SPSS para Windows*. Porto Alegre: Artmed.
- Debarbieux, E. (2001). *A violência na Escola Francesa: 30 anos de Construção Social de Objeto (1967-1997)*. Trad. de de Fátima Simões Francisco. *Educação e Pesquisa*27(1). 163-193.
- Debarbieux, E. (1996). *La Vilençe en milieu scolaire: perspectives comparatives portant sur 86 établissements*. Bordeaux: Université de Bordeaux II. e *Estado*. 19(1), 21-51.
- Durkheim, E. (1985). *Aula inaugural do curso de ciências sociais*. Bourdeaux 1887. In: Introdução ao Pensamento Sociológico. Anna Maria de Castro e Edmundo F. Dias (orgs).
- Elias, N. (1994). *O processo civilizador – vol.2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. *Estudos: Vida e Saúde*. 30 (1). 11-30.
- Fenech, G. (2001). *Tolerância Zero*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Flament, C. (1987). Pratiques et représentations sociales. In: Beauvais, J.L; joule,r.V., Monteil, J.M. *Perspectives cognitives et conduites sociales*. Théories implicites et conflits cognitifs. Suisse, Fribourg: Del Val.143-150.
- Flament, C. (1994). Aspects périphériques des représentations sociales. In: guimelll, Christian. *Structures et Transformations des représentations sociales*. Lausanne: Delachaux et Niestlé. p. 85-118.
- Flament, C. (1989). Structure et dynamique des représentations sociales. In: jodelet, Denise (org.) *Les représentations sociales*. Paris: Presses Universitaires de France. p. 204-218.

- Garcia, J. (2006). *Indisciplina, incivilidade, e cidadania na escola. Educação Temática Digital*, 8(1), 121-130.
- Guimarães, S. P. & Campos, P. H. F. (2007). *Norma Social Violenta: um Estudo das Representações Sociais em Adolescentes*. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 20(2), 188-196.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, (2000). Recuperado em 02 de dezembro de 2006: <http://www.ibge.gov.br/home/>
- Jodelet, D. (1991). *Madness and social representations*. London: Harvester Wheatsheaf.
- Jodelet, D. (2001). *Representações sociais: um domínio em expansão*. Em D. Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. (p.19-44). Rio de Janeiro-RJ: Ed.UERJ.
- Jodelet, D. (1989). *Représentations Sociales: un domaine en expansion*. In: Jodelet, D. (Org.). *Les Représentations Sociales*. Paris: Presses Universitaires de France. *La psychanalyse, son image, son public*, [University Presses of France](#), 1961/1976 *L'Age des foules: un traité historique de psychologie des masses*, [Fayard](#), 1981 (about [Gustave Le Bon's](#) invention of [crowd psychology](#) and [Gabriel Tarde](#))
- Mejia, M. R. G. (2008) *Controle social expresso em representações sociais de violência, insegurança e medo*. *Sociologias*, 10(20), 72-107.
- Morin, E. (1990). *Science avec conscience*. Paris : Seuil.
- Moscovici, S. (2003). *Porque estudar representações sociais em Psicologia?*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2001). *Idéias e seu Desenvolvimento: um Diálogo entre Serge Moscovici e Ivana Marková* [Texto não publicado, p.83]. Pós-graduação em Psicologia. PUCRS.
- Moscovici, S. (1981). *On social representations*. In J. P. Forgas (Org.), *Social cognitions perspectives on everyday understanding* (pp. 181-209). New York: Academic Press.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (1976). *Psychologie des minorités actives*. Paris: Quadrige/ P. U. F
- Moscovici, S. (1961). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris, P.U.F.,.

- Porto, M. S. G. (2006b). *Controle Social Expresso em Representações Sociais da Violência, Insegurança e Medo*. Sociologias. 10 (20), 72-107; 2008.
- Porto, M. S. G.(2006a). *Crença, Valores e Representações Sociais da Violência*. Sociologias. 8 (16), 250-273; 2007.
- Robinson, J. B. & Cols. (2003). *Multilevel Longitudinal Impacts of Incivilities: Fear of Crime, Expected Safety, and Block Satisfaction*. *Journal of Quantitative Criminology*, 19 (3), 237-274.
- Roché, S. (2002). *Tolérance Zéro? Incivilités et insécurité*. Paris: Odile Jacob.
- Rouquette, M. L. (1998). *Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos*. Em A.S.P. Moreira & D.C. Oliveira (orgs.) *Estudo interdisciplinares de Representação Social*. (p. 39-46). Goiânia-GO: AB Editora.
- Sá, C. P. (2002). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Santos, J. V. T. (2002). *Microfísica da violência, uma questão social mundial*. *Cienc. Cult.* [online], 54(1), 22-24.
- Santos J. V. T. (2004). *Violência e dilemas de controle social nas sociedades da "modernidade tardia"*. *São Paulo em perspectiva*, 18(1), 3-12.
- Santos , J. V. (1999). *Novos processos sociais globais e violência*. *São Paulo em Perspectiva*. 13(3), 3-17.
- Sawaia, B. B. (1994). *Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora*. In S. M. T. Lane, & B. B. Sawaia (Org.). *Novas Veredas da psicologia social* (pp. 157-168). São Paulo: Brasiliense.
- Silva, L. A. M. (2004). *Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade*. Recuperado em 12 de maio de 2009 [http://www.ibase.br/anexos/ibase\\_dvb\\_capitulo4.pdf](http://www.ibase.br/anexos/ibase_dvb_capitulo4.pdf)
- Spelman, W. (2004). *Optimal Targeting of Incivility-Reduction Strategies*. *Journal of Quantitative Criminology*, 20(1), 63-88.
- Vala, J. (1996). *As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social*. Em L. Camino (org.) *Conhecimento do outro e a construção da realidade social: uma análise da percepção e da cognição social*. (p.120-159) João Pessoa-PB: Ed. UFPB.

- Valério, M. A. F. M. (2006). *O Sentimento de Insegurança: variáveis e Enquadramento Teórico*. Recuperado em 24 de janeiro de 2007 [http://paginas.ispgaya.pt/~mvalerio/9999pgcrim/teoria\\_monografia.pdf](http://paginas.ispgaya.pt/~mvalerio/9999pgcrim/teoria_monografia.pdf) retirado no dia 24/01/2007
- Velho, G. (1996). *Cidadania e violência*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Vergès. P. (1995). *Representations sociales partagées, périphériques, indifférentes, d'une minorité: méthodes d'approche*. Cahiers Internationaux de Psychologie Sociale. n. 28, p. 77-95.
- Vergès. P. (1994). *Approche du noyau central: propriétés quantitatives et structurales*. In: Guimelli, C. (Éd.), Structures et transformations des représentations sociales. Lausanne, Délachaus et Niestlé, p. 233-253.
- Vergès. P. (1992). *L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation*. Bulletin de Psychologie, XLV, 405, p. 203-209.
- Werba, G. C. & Oliveira, F. O. (1998). *Representações Sociais*. In: Strey, M. N. et al. Psicologia Social Contemporânea, pp.104-117i, Petrópolis: Vozes.
- Whitehead, L. (1999). *Jogando Boliche No Bronx: Os Interstícios Incivis Entre a Sociedade Civil e a Sociedade Política*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, ano 14, n. 41, oct. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n41/1749.pdf>> Acesso em: 05 de fevereiro de 2009.
- Wieviorka, M. (2004). *Pour comprendre la violence: l'hypothèse du sujet. Sociedad*.
- Wieviorka, M. (1997). *O novo paradigma da violência*. Tempo social, USP, São Paulo, n. 9(1), p. 5-41.

# ANEXOS

## Anexo 1

### Questionário parcial do estudo 1

**Q4)** Abaixo há uma lista de diferentes fatos que podem acontecer nos bairros. Marque em cada uma delas a sua opinião com relação ao bairro/setor onde você mora.

Assinale com um **X** no número: (0) Isto nunca acontece;  
(1) Acontece raramente;  
(2) Acontece moderadamente;  
(3) Acontece muito ;

(4) Acontece de maneira exagerada.

	Nunca acontece	Raramente	Moderadamente	Muito	Exageradamente
1. As pessoas xingam ou insultam as outras na rua	0	1	2	3	4
<b>2. Pessoas discutem na rua</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
3. Muitas pessoas estranhas ou desconhecidas andando nas ruas do bairro	0	1	2	3	4
<b>4. As pessoas sujam as ruas</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
5. Tem muros pichados ou janelas quebradas	0	1	2	3	4
<b>6. Muitas lâmpadas das ruas são quebradas de propósito</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
7. As pessoas são mal-educadas	0	1	2	3	4
<b>8. Há grande confusão nos pontos de ônibus</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
9. Pessoas destroem ou danificam os muros, janelas, postes, orelhões (vandalismo)	0	1	2	3	4
<b>10. Pessoas que usam drogas em lugares públicos</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
11. As ruas estão sempre sujas	0	1	2	3	4
<b>12. As pessoas são racistas, têm comportamentos racistas, discriminatórios</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
13. Gangues que atormentam as pessoas, causam confusão.	0	1	2	3	4
<b>14. Tem muito barulho nas ruas</b>	<b>0</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>
15. Discussões entre motoristas, rinchas por causa do trânsito	0	1	2	3	4

**Anexo 2**Questionário parcial do estudo 2

E) Com que frequência esses atos acontecem no seu bairro: **(Pesquisador, anote no parêntese o número correspondente a opção citada).**

1. Nunca acontece
2. Acontece Raramente
3. Acontece Frequentemente

- E1) As pessoas discutem, xingam ou insultam as outras na rua..... ( )  
 E2) Muitas pessoas estranhas ou desconhecidas andando nas ruas do bairro... ( )  
 E3) As pessoas sujam as ruas.....( )  
 E4) Muitas lâmpadas das ruas são quebradas de propósito..... ( )  
 E5) As pessoas são mal educadas.....( )  
 E6) Há grande confusão nos pontos de ônibus..... ( )  
 E7) Pessoas destroem ou danificam os muros, janelas, postes, orelhões (vandalismo)..... ( )  
 E8) Pessoas que usam drogas em lugares públicos .....( )  
 E9) Gangues causam confusão, brigam , agridem pessoas..... ( )  
 E10) Há muito barulho nas ruas..... ( )

F) Como você se sente circulando sozinho(a) no seu bairro à noite? **(Marcar apenas 1 opção)**

- 1) Muito seguro
- 2) Razoavelmente seguro
- 3) Um pouco inseguro
- 4) Muito inseguro

H) Com que frequência esses atos de violência acontecem no seu bairro: **(Pesquisador, anote no parêntese o número correspondente a opção citada).**

1. Nunca acontece
2. Acontece Raramente
3. Acontece Frequentemente

- H1) Furtos ..... ( )  
 H2) Roubo em residências ..... ( )  
 H3) Estupro ou tentativa de violência sexual..... ( )  
 H4) Assalto à mão armada..... ( )  
 H5) Assassinato de pessoas..... ( )  
 H6) Roubo seguido de morte..... ( )  
 H7) Roubo de carros ou motos (assaltos) ..... ( )  
 H8) Tráfico de drogas..... ( )  
 H9) Roubo no comércio local ..... ( )  
 H10) Um adulto agride uma criança causando lesão corporal..... ( )  
 H11) Seqüestro de pessoas para pedir resgate..... ( )  
 H12) Uma pessoa agride outra, causando lesões corporais..... ( )  
 H13) Espancamento ou agressão contra mulheres ..... ( )



J) Agora eu peço que você pense em um lugar perigoso e que me descreva quais são características desse lugar:

---

---

---

---

---

---

---

---

### Anexo 3

#### Questionário parcial do estudo 3

1) Quando você escuta a expressão « VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS », quais são as 5 palavras ou expressões que vêm espontaneamente à sua cabeça ?

- Resposta 1 (ordem de importância )
- Resposta 2 (ordem de importância )
- Resposta 3 (ordem de importância )
- Resposta 4 (ordem de importância )
- Resposta 5 (ordem de importância )

2) Classifique agora, as resposta que você deu, por ordem de importância, na sua opinião, em ordem crescente, indo de 1 para o mais importante, até 5 para o menos importante. Coloque o número correspondente à frente de cada resposta.

3) As frases abaixo correspondem a manifestações ou formas de violência que acontecem nas escolas

- 01) um aluno “pega” o material escolar ou objetos pessoais de outro colega.
- 02) brigas entre alunos, decorrentes de desentendimentos.
- 03) o aluno insulta (xinga) ou agride verbalmente um colega.
- 04) vandalismo, destruição das instalações da escola.
- 05) uma pessoa leva uma “arma-de-fogo” para dentro da escola.
- 06) Falta de material escolar .
- 07) uma pessoa leva uma faca (do tipo “punhal”) para dentro da escola.
- 08) professor grita ou insulta os alunos
- 09) pessoas usam drogas dentro da escola.
- 10) um aluno agride um professor.
- 11) uma pessoa fere outra com golpe de faca (do tipo “punhal”).
- 12) uma pessoa leva um tiro dentro da escola

13) Gangues interferem na escola, provocam brigas dentro da escola.

14) um professor humilha um aluno

15) um aluno "persegue" (humilha, desrespeita) constantemente um outro aluno

**A) Indique abaixo os 5 ítems que, na sua opinião, MAIS caracterizam a VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS**

□ □ □   □ □ □   □ □ □   □ □ □   □ □ □

**B) Indique abaixo os 5 ítems que, na sua opinião, caracterizam MENOS a VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS.**

□ □ □   □ □ □   □ □ □   □ □ □   □ □ □

4) Com relação a **SUA ESCOLA**, em particular, marque o número que melhor corresponde à sua opinião :

Na sua escola, um aluno xinga (insulta) um colega

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>

1 \_\_\_\_\_ 2 \_\_\_\_\_ 3 \_\_\_\_\_ 4 \_\_\_\_\_ 5 \_\_\_\_\_ 6 \_\_\_\_\_ 7

Na sua escola, pessoas usam drogas dentro da escola.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>

1 \_\_\_\_\_ 2 \_\_\_\_\_ 3 \_\_\_\_\_ 4 \_\_\_\_\_ 5 \_\_\_\_\_ 6 \_\_\_\_\_ 7

Na sua escola, uma pessoa leva uma arma-de-fogo para dentro da escola.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>

1 \_\_\_\_\_ 2 \_\_\_\_\_ 3 \_\_\_\_\_ 4 \_\_\_\_\_ 5 \_\_\_\_\_ 6 \_\_\_\_\_ 7

Na sua escola, pessoas destroem/estragam as instalações e equipamentos da escola de modo intencional (vandalismo).

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
--------------	----------------	-----------------------

<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>
1 _____	2 _____	3 _____
4 _____	5 _____	6 _____
		7 _____

Na sua escola, um professor « humilha » um aluno.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>
1 _____	2 _____	3 _____
4 _____	5 _____	6 _____
		7 _____

Na sua escola, um aluno « pega » (sem permissão) os objetos de um colega.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>
1 _____	2 _____	3 _____
4 _____	5 _____	6 _____
		7 _____

Na sua escola, uma pessoa leva uma faca para dentro da escola.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>
1 _____	2 _____	3 _____
4 _____	5 _____	6 _____
		7 _____

Na sua escola, um aluno « persegue », humilha outro, de forma repetida.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>
1 _____	2 _____	3 _____
4 _____	5 _____	6 _____
		7 _____

Na sua escola, gangues de fora da escola interferem dentro da escola.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>
1 _____	2 _____	3 _____
4 _____	5 _____	6 _____
		7 _____

Na sua escola, um professor grita ou insulta os alunos.

<b>Nunca</b>	<b>Não sei</b>	<b>Acontece muito</b>
<b>Aconteceu</b>	<b>dizer</b>	<b>freqüentemente</b>
1 _____	2 _____	3 _____
4 _____	5 _____	6 _____
		7 _____

### Anexo 4

<b>Incivildades</b>	Pessoas que discutem	Pessoas estranhas	Pessoas que sujam as ruas	Lâmpadas quebradas	Pessoas mal educadas	Confusões nos pontos de ônibus	Pessoas que destroem patrimônios	Pessoas que usam drogas	Gangues que causam confusões	Barulho nas ruas
<b>Percepção de Violência</b>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Furtos	0,253	0,302	0,272	0,207	0,280	0,178	0,274	0,291	0,270	0,243
Roubo em residência	0,272	0,280	0,230	0,233	0,239	0,144	0,273	0,326	0,270	0,186
Estupro	0,234	0,128	0,148	0,186	0,194	0,217	0,201	0,211	0,306	0,147
Assaltos	0,217	0,225	0,194	0,190	0,224	0,150	0,243	0,252	0,259	0,206
Assassinato	0,285	0,193	0,210	0,183	0,234	0,210	0,235	0,330	0,324	0,185
Roubo seguido de morte	0,266	0,163	0,181	0,260	0,267	0,245	0,243	0,218	0,285	0,193
Roubo de veículos	0,117	0,228	0,209	0,151	0,210	0,146	0,221	0,208	0,178	0,183
Tráfico de drogas	0,284	0,171	0,202	0,191	0,269	0,180	0,231	<b>0,553</b>	0,292	0,168
Roubo no comércio local	0,243	0,213	0,226	0,199	0,261	0,166	0,278	0,306	0,283	0,242
Adulto agride criança	0,255	0,148	0,159	0,235	0,248	0,217	0,178	0,145	0,258	0,193
Seqüestro e pedir resgate	0,100	0,087	0,071	0,157	0,103	0,146	0,114	0,034	0,164	0,100
Agressão deixando lesões	0,363	0,258	0,262	0,223	0,361	0,243	0,276	0,299	0,352	0,272
Agressão contra mulheres	0,315	0,181	0,241	0,251	0,312	0,233	0,261	0,258	0,308	0,275

### Correlação entre Incivildades e Percepção de Violência – Estudo 2

